



APERTANDO O CINTO

Com gasolina cara, paraibano adia planos e muda os hábitos

Consumidor desiste de comprar carro e adere às caronas compartilhadas para baratear custos. **Página 14**

Foto: Marcos Russo

Manifestação artística na arquitetura do Centro



Quem passeia pelo Centro Histórico pode conferir a beleza de estilos arquitetônicos como o barroco, o rococó e o neoclássico. **Página 5**

É preciso exercer a política para o bem coletivo, diz Geraldo Medeiros

Ex-secretário de Estado da Saúde fala sobre gestão à frente da pasta e do desafio de ingressar na política, “onde homens de bem precisam estar”.

Página 4

Páscoa: tempo para meditar sobre recomeço e libertação

Religiosos e estudiosos falam sobre a importância de se refletir sobre o verdadeiro sentido da festa.

Página 6

Pesquisa projeta efeitos negativos das mudanças climáticas na PB

Prognóstico feito por pesquisadores inclui mudanças no ciclo de chuvas e secas mais intensas.

Página 16

Livro retrata a força da poesia contra o horror da escravidão

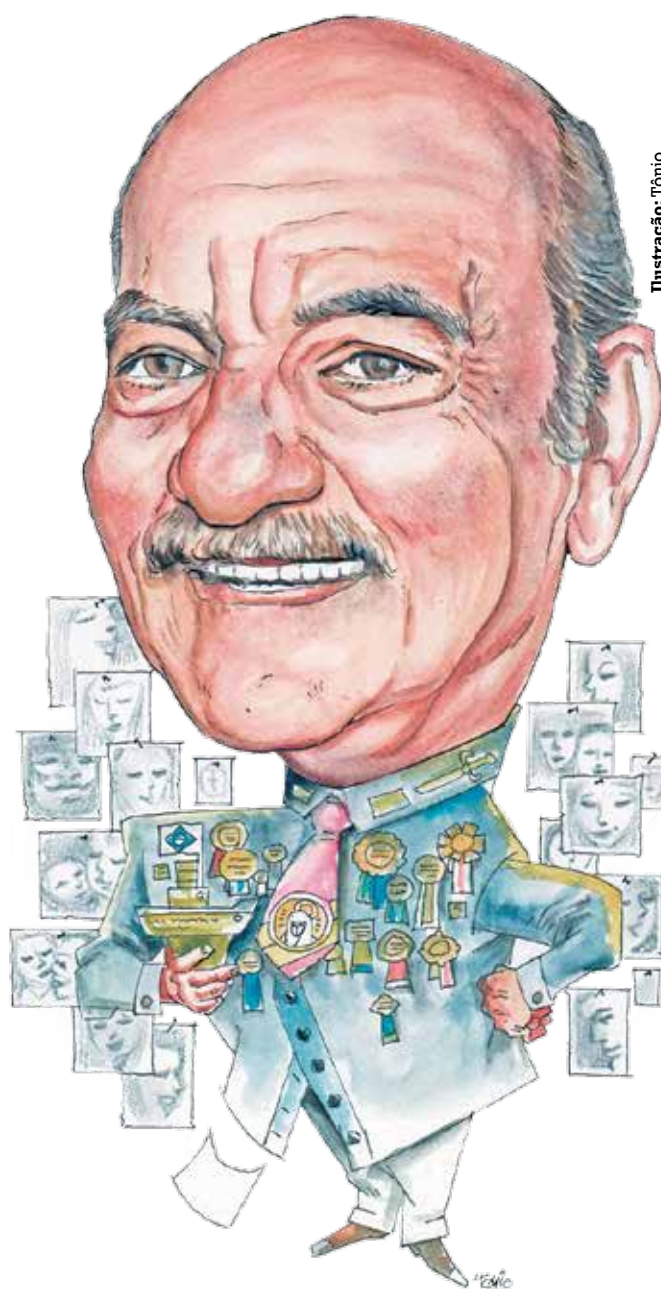
“A escravidão na poesia brasileira” referencia 81 poetas e cobre 350 anos da história do Brasil.

Página 9

As honrarias do “Adão Cabedelense”

O comerciante Paulo Lins Cavalcante, morto há seis anos, mereceu comendas de um herdeiro da Monarquia e de, pelo menos, três presidentes da República. **Página 17**

Ilustração: Tônio



Pensar

Historiadores e cientistas políticos discutem a importância das eleições como instrumento de garantia da soberania popular e da democracia.

Páginas 21 a 24



■ O celibato clerical sempre foi um tema polêmico. Na própria Igreja Católica a questão é controversa.

Rui Leitão

Página 2

■ Valorizamos a moralidade do nosso grupo e olhamos com desconfiança ou desprezo para a moralidade alheia.

Estevam Dedalus

Página 10

Editorial

Falsos profetas

Em dezembro do ano passado, quando o primeiro Arcebispo Anglicano negro da Cidade do Cabo, na África do Sul, Desmond Tutu, faleceu, questionou-se quem iria liderar, espiritualmente, imensas legiões de pessoas, em todo o mundo, após a morte do argentino Jorge Mario Bergoglio – o papa Francisco, cristão – e o tibetano Tenzin Gyatso – o Dalai-Lama, budista.

Trata-se de uma indagação ou dúvida pertinente, levando-se em conta a realidade global, marcada por três variantes principais, quais sejam: o predomínio das tecnologias digitais na vida cotidiana das pessoas, o alargamento do fosso econômico que divide a humanidade em poucos ricos e muitos pobres e os pesados investimentos no campo militar.

Para alguns, outra incerteza: seriam a apresentadora Oprah Winfrey (conselheira emocional) e os escritores Wayne Walter Dyer (pai da motivação), Deepak Chopra (papa da medicina alternativa), Rhonda Byrne (doutrinária do otimismo), Thich Nhat Hanh (monge pacifista) e Eckhart Tolle (estimulador de consciência) os novos líderes espirituais do planeta?

Bem, todos têm milhares de seguidores, embora, nos casos de Oprah Winfrey, Wayne Walter Dyer, Deepak Chopra, Rhonda Byrne, Thich Nhat Hanh e Eckhart Tolle, há uma distância enorme da credibilidade e do prestígio de Dalai, Francisco e Tutu - e, antes deles, de Mahatma Gandhi, Martin Luther King, Madre Teresa de Calcutá e mesmo João Paulo I.

Sem entrar no mérito de questões relacionadas à fé ou às existências celestiais ou históricas das divindades, o fato é que o mundo sempre teve Deuses e Deusas, Livros Sagrados e “Verdades Reveladas”, estando a humanidade, hoje, como sempre, dividida (e haja dissidências, inclusive armadas) entre, por exemplo, os seguidores de Jeová, Jesus, Maomé e Buda.

Tantas religiões, tantas guerras, tanta miséria. Com o mundo despovoado de líderes espirituais de carne e osso, a humanidade estará talvez em seu período histórico mais vulnerável aos “falsos profetas”. A pseudoarautos da nova ordem, que são, na verdade, signatários de cartas conservadoras, destinadas a manter o povo preso nas correntes da pobreza e da ignorância.

Artigo

Desova da Páscoa

Quem não viu o trucidamento de uma tartaruga pelo bicho homem, ainda não presenciou morte cruel

Há muitas eras aquela tartaruga vem desovar na Praia do Bessa. As tartarugas marinhas podem viver muito, e aquela era bem velha. O casco estava encrustado de parasitas, precisando da carena periódica a que se submetem os navios para a limpeza das ostras, cracas e outros agregados e aderentes do mar.

As tartarugas sempre voltam ao local de seu nascimento para a desova, como fazem muitos habitantes do mar. Mas aquela parecia perdida, ou desorientada. Talvez não reconhecesse o ambiente de sua origem depois de tantas mudanças nos últimos anos.

– O ano passado, ele veio desovar nesse trecho da praia. Telefonaram para o IBAMA e os homens vieram buscar os ovos para chocar noutro lugar.

O praieiro já conhecia a tartaruga de outras desovas. Aquela até que tinha sorte, ainda não encontrara o homem lobo do mundo para devorar-lhe a carne e fazer bacia de seu casco. Quem não viu o trucidamento de uma tartaruga pelo bicho homem, ainda não presenciou morte cruel.

Lembro-me da agonia de uma tartaruga no pedaço de praia entre o Elite Bar e o Hotel Tambaú, ali perto da antiga Cooperativa de Pesca, mais tarde “Pindá” (Pesca Industrial e Artesanal da Paraíba S/A), já demolida, e onde hoje é o “Bahamas”. A tartaruga fora arpoada no pescoço, em alto-mar. Horas depois chegou viva à praia, rebocada pelo bote. Viraram-lhe o casco, o papo para cima. Cortaram-lhe as patas primeiro, para que a faca tivesse chegada ao pescoço e à emenda do papo com o casco. Não fiquei para ver a evisceração; mas, quando voltei, reencontrei o coração da tartaruga ainda palpitante sobre a areia, batendo na arrebenção.

Sitônio Pinto

Foto Legenda



História sem preservação

Artigo

Primeiro casamento de padre na Paraíba

O celibato clerical sempre foi um tema polêmico. Na própria Igreja Católica a questão é controversa. Muitos admitem que a proibição de casamento para os sacerdotes católicos tem concorrido para a diminuição do número de homens que se dedicam ao ministério religioso. Outros, numa visão mais conservadora, continuam defendendo a castidade e o celibato como mandamentos baseados no exemplo de Cristo, que nunca casou. A década de sessenta conheceu uma Igreja Católica engajada nas questões sociais, com forte militância política e mais aberta a discutir inclusive temas considerados até então proibidos internamente.

O celibato era uma dessas regras que a igreja sequer admitia debater. Até o século 11 o casamento era comum entre padres católicos. Em 1139, no Concílio de Latrão, o matrimônio foi enfim proibido para sacerdotes. Embora proibitiva, o que se sabe é que essa norma nunca foi cumprida rigorosamente. Conhecemos na nossa história vários casos de padres que, mesmo sem contraírem matrimônios, constituíram famílias. Mas a proibição oficial, de certa forma, incomodava. Mais do que isso, além de desestimular as decisões vocacionais, contribuía para a existência de perversões sexuais.

O Papa Paulo VI em 1965 permitiu que os padres se casassem e continuassem a frequentar a Igreja, sem exercerem integralmente as funções de sacerdote. Teriam que solicitar autorização ao Vaticano. O catolicismo quebrava então um preceito tradicional, ajustando-se ao tempo de mudanças que o mundo vivia. Só em 1968 a Paraíba assistiu ao primeiro casamento de padre católico. O capelão da Polícia Militar, padre José Augusto foi o protagonista desse evento histórico que representava a inclusão do nosso estado nesse novo tempo da Igreja Católica. A noiva era Maria de Lourdes da Silva, uma professora da Escola Modelo da Paraíba. A Igreja do Carmo, local onde foi realizada a cerimônia, ficou totalmente lotada de curiosos e familiares dos noivos. A celebração foi ministrada pelo padre Everaldo Peixoto que anos depois viria também a ser um dos religiosos a requererem ao Papa licença para contrair matrimônio. O acontecimento teve ampla repercussão na sociedade paraibana, suscitando re-

“

A noiva era Maria de Lourdes da Silva, uma professora da Escola Modelo da Paraíba

Rui Leitão

provações dos mais conservadores e aceitação dos que defendiam o fim do celibato na Igreja Católica.

O Jornal Correio da Paraíba, edição de seis de junho, trazia um artigo do jornalista Wellington Aguiar sobre o assunto. Eis alguns trechos de sua opinião a respeito: “Esse padre José Augusto, que recentemente contraiu matrimônio com autorização do Papa, é figura, em nosso entender, digna de admiração. Imagino a batalha que sustentou, as intempéries que venceu com a determinação férrea de que estava possuído para levar à concretização o ideal que ele não buscou, mas que lhe surgiu de repente na estrada da vida. Venceu um mundo de preconceitos sociais com sua honestidade. Mostrou a todos sua falta de vocação para o farisaísmo muitas vezes institucionalizado. A Igreja – mãe e mestra dos povos – compreendeu-lhe as razões, vislumbrando-lhe as boas intenções. Nada de estranho. Esses abnegados sacerdotes que disseminam entre as gentes a fé e o amor ao próximo, são feitos como nós. São homens que, nascidos para o amor de Deus, nem por isso perdem a natureza humana. O que ocorre é que têm se tornado mais corajosos e autênticos, aliás como os queria o próprio Jesus”. Ainda em 1968 outro padre encaminhou pedido ao Papa para licenciar-se de suas funções eclesásticas e se casar. Foi outro capelão. Dessa vez do Grupamento de Engenharia, o padre Leovegildo Barbosa, que viria a se casar com Márcia Lúcia Henriques Santos.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

CHOQUE ELÉTRICO

Paraíba fica em 3º lugar no ranking de mortes no NE

Segundo Anuário de Acidentes de Origem Elétrica, estado teve 31 óbitos em 2021

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

O Nordeste é campeão em casos de mortes causadas por choque elétrico e a Paraíba ocupa o terceiro lugar nesse ranking entre os estados da região. Os dados são do Anuário de Acidentes de Origem Elétrica, ano base 2021, da Associação Brasileira de Conscientização para os Perigos da Eletricidade (Abracopel). No país, foram registradas 761 mortes por acidentes de origem elétrica, e dessas 674 (89%) foram motivadas por choque elétrico com morte.

O Nordeste concentra grande parte dos casos, com 242 registros. Desse total, a Paraíba aparece em terceiro lugar (31 mortes). As primeiras posições ficaram com Pernambuco (49 mortes) e a Bahia (45). Veja quadro com o ranking do Nordeste.

Na análise por região, quem aparece depois do Nordeste é o Sudeste, com 129 mortes por choque elétrico; e a região Sul, com 110 casos; depois vem o Norte, com 97; e o Centro-Oeste, com 96.

Além do choque elétrico, a pesquisa ainda aponta 47 mortes causadas por incêndio motivado por sobrecarga (6%); e 40 mortes por descarga atmosférica (5%).

Muitos acidentes elétricos, porém, poderiam ser evitados, caso a população estivesse atenta às corretas instalações da rede elétrica e ao uso adequado dos aparelhos elétricos e eletrônicos. O engenheiro eletricista Joab-

son Nogueira Carvalho afirmou que um dos erros mais comuns que a população comete está relacionado ao uso do aparelho celular.

As pessoas, sobretudo de baixa renda, costumam comprar carregadores de celular “genéricos”, que não oferecem segurança. Outra falha é deixar o celular carregando a noite toda e, o pior, próximo a material inflamável, ou sobre a cama onde está dormindo. “Não se deve fazer isso jamais”, alertou. Substituir as baterias do aparelho celular pelas não originais também é um grande risco. “Pois elas podem explodir”.

O engenheiro eletricista ainda frisou que é muito importante usar a prudência na hora de se utilizar o famoso “T” nas tomadas, também conhecido por “benjamim”. Se a esse equipamento forem conectados vários aparelhos de uma só vez, pode haver a sobrecarga na rede elétrica e também o acidente.

Outro erro grave é colocar aparelhos ligados à rede elétrica sobre bancada molhada, ou manusear esses equipamentos com os pés no chão molhado. “Em área molhada não se coloca nada elétrico conectado à tomada”, enfocou o engenheiro eletricista.

Segundo ele, o correto é investir na instalação da rede elétrica das casas ou estabelecimentos com material adequado e supervisão de um profissional do ramo. Essa atitude pode prevenir qualquer problema com choque elétrico e até salvar vidas.

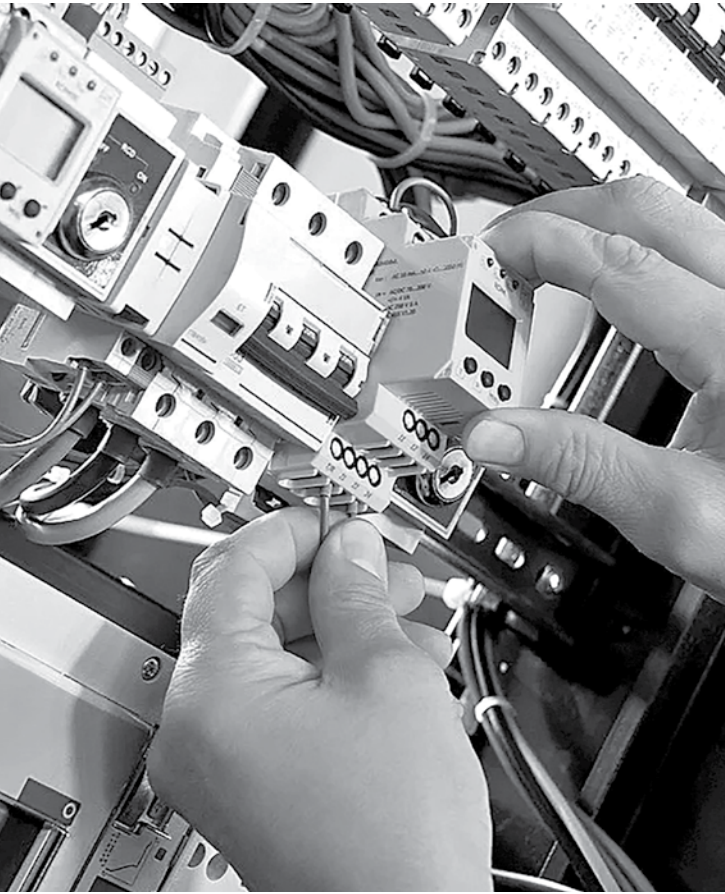


Foto: Pixabay

Acidentes podem ser evitados com o uso correto dos aparelhos

Pesquisa Abracopel

A pesquisa da Abracopel apontou que ocorreram 215 acidentes com choque elétrico nos lares brasileiros no ano passado e desses 190 foram fatais. O principal motivo dos óbitos foi o fio partido ou sem isolamento. Dos 45 casos, 37 resultaram em perdas de vidas humanas. Quando analisado o tipo de parelho responsável pelo acidente, a geladeira/freezer aparece em primeiro lugar. Dos 14 acidentes, 13 foram fatais. Depois vem a máquina de lavar ou tanquinho, com 12 registros e nove mortes. Confira o ranking de mortes por choque elétrico na região Nordeste.

- | | |
|-------------------|---------------------------|
| ■ Pernambuco – 49 | ■ Ceará – 23 |
| ■ Bahia – 45 | ■ Maranhão – 23 |
| ■ Paraíba – 31 | ■ Rio Grande do Norte – 9 |
| ■ Alagoas – 30 | ■ Sergipe – 2 |
| ■ Piauí – 30 | ■ Fonte: Abracopel |

Empreendedora relata choques no trabalho

A empreendedora Ana Paula Cavalcanti Ferreira afirmou que sempre esteve atenta às regras quando o assunto é instalação elétrica, mesmo assim, confessa que enfrenta constantes choques. Dona de uma doceria, ela contou que quando está chovendo em João Pessoa, os eletrodomésticos costumam dar pequenos choques no estabelecimento.

“Como trabalho com

equipamento para mexer doce, bolos e outros equipamentos ligados à tomada, percebo que quando chove, tem raios e relâmpagos, esses aparelhos ficam como se fossem ‘energizados’. Às vezes tomo choque que a mão chega a ficar dormente. E não é problema do equipamento o da rede não, porque são todos revisados. Não sei se é alguma sobrecarga que acontece, porque sinto desde

choques leves, até mais fortes”, declarou.

Segundo ela, todos os cuidados para não ter problemas com choque são tomados em casa e no estabelecimento, até porque a empreendedora disse que fez curso de eletromecânica e sabe o que deve ou não ser feito. Ana Paula frisou que todas as tomadas foram adaptadas para receber a carga necessária e não adota “T”

para ligar os equipamentos da doceria.

A empreendedora revelou que conheceu uma família em que um homem veio a óbito devido a um choque elétrico que sofreu em casa. O fato ficou marcado na mente dela. “Foi horrível. Ele foi ligar um aparelho de som em casa e levou um choque tão grande que faleceu na hora. Chamaram o socorro, mas ele já estava morto”.

Dicas de prevenção

- O coordenador de Saúde e Segurança da Energisa na Paraíba, Heitor Galdino, deu algumas orientações para evitar problemas envolvendo eletricidade. “Eletricidade requer muito cuidado, portanto, nada de ser negligente ao manusear aparelhos eletrônicos ou entrar em contato com a rede elétrica”, frisou. Confira as dicas da Energisa Paraíba para prevenir choques elétricos:
- Atenção com as crianças: A curiosidade infantil pode custar muito caro quando ela envolve tomadas. As crianças não têm noção do perigo que correm ao brincar com pontos de energia, principalmente quando introduzem objetos na tomada. Uma descarga da rede doméstica pode ser o suficiente para causar problemas sérios à saúde dos pequenos, inclusive com risco de óbito. Tome muito cuidado com as tomadas da sua casa quando houver crianças. Utilize os protetores de tomada e fique sempre atento à movimentação delas.
- Cautela ao trocar a temperatura do chuveiro: Nunca troque a temperatura enquanto

- o aparelho estiver ligado, principalmente se você já está molhado. Apesar de não ajudar na prevenção, alguns especialistas recomendam que a troca da temperatura seja feita, inclusive, de chinelos e nunca com os pés descalços.
- Cuidado com fios desencapados: Aparelhos mais velhos e que apresentam falhas no revestimento dos fios são um verdadeiro perigo. Eles podem gerar curtos-circuitos e choques. Sendo assim, nada de manter fios expostos em sua casa. O ideal é sempre fazer a substituição do fio.
- Não “dê uma de eletricista”: Manusear redes elétricas e aparelhos eletrônicos não é algo tão simples. É preciso conhecer as especificações e possuir as ferramentas certas para isso, caso contrário, procure um profissional.
- Cuidado ao trocar lâmpadas: Uma atividade inocente, como trocar uma lâmpada queimada, também pode gerar um choque elétrico. No momento da troca, opte por desligar a chave geral. Caso isso não seja possível, manuseie a lâmpada apenas pela extremidade

- do suporte de plástico (ou de porcelana) ou toque apenas no vidro.
- Ligações clandestinas: O furto de energia coloca em risco a segurança da população, podendo provocar não só a queima de equipamentos, mas também curto-circuito, incêndios e choques elétricos, tanto em quem faz a ligação clandestina quanto em quem mora por perto. Por isso, é imprescindível denunciar a prática pelo 0800 083 0196.
- Abalroamento de postes: Com o impacto da batida, pode haver risco de choque elétrico tanto para o acidentado como para quem está nas proximidades. Por isso, se possível, os ocupantes do veículo envolvido no acidente devem esperar o socorro/atendimento dentro do carro, sem tocar o chão, partes metálicas e cabos, e esperar uma equipe da concessionária chegar ao local e realizar os procedimentos necessários com segurança. Quem passar perto de uma colisão carro/poste deve manter distância e acionar imediatamente a Energisa pelo telefone 0800 083 0196.

UNInforme

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

LÍDER AFIRMA QUE REPUBLICANOS QUER COMPOR CHAPA MAJORITÁRIA, “MAS NÃO CONDICIONA ISSO A NADA”

Filiado recentemente ao Republicanos, o deputado estadual Wilson Filho (foto) foi provocado a falar sobre a possibilidade de o seu partido integrar a chapa a ser encabeçada pelo governador João Azevêdo (PSB).



Foto: ALPB

Para o parlamentar, sendo um partido apoiador de primeira hora da gestão estadual, existem amplas chances de o Republicanos figurar na majoritária. E o líder do governo na ALPB ressaltou que, além da lealdade ao projeto do governador, a legenda tem tamanho para ocupar esse espaço de protagonismo. “O Republicano tem um tamanho muito grande na Paraíba, é o maior partido e o principal aliado. Tem a maior bancada federal [entre os aliados], com Wilson Santiago, Edna Henrique e Hugo Motta, assim como a maior bancada da Assembleia. Wilson Filho afirma, porém, que o partido não fará nenhuma imposição ao governador. “O Republicanos apoia a reeleição de João e considera que será muito interessante compor a chapa, mas não condiciona isso a nada”, garantiu. Na hipótese de o indicado para ser candidato a senador seja o deputado federal Aguinaldo Ribeiro (Progressistas), existe a possibilidade de o Republicanos indicar um nome para ser candidato a vice-governador. O presidente da ALPB, deputado Adriano Galdino é o mais cotado da legenda para ocupar essa vaga.

BRUNO DEVERÁ SEGUIR ROMERO

Desde a assunção de Daniela Ribeiro ao comando do PSD na Paraíba, após Romero Rodrigues ser apeado da direção partidária, existe a expectativa quanto ao destino político que tomará o prefeito de Campina Grande, Bruno Cunha Lima, filiado à legenda. Mesmo com filho da senadora, Lucas Ribeiro, sendo o vice dele, há um certo desconforto – Bruno é aliado de Romero, que foi para o PSC. Há quem considere que ele seguirá o mesmo caminho.

REPUBLICANOS MANTERÁ APOIO?

A recente declaração do deputado Raniery Paulino sobre estar inclinado a apoiar a pré-candidatura de Aguinaldo Ribeiro (PP) para o Senado Federal mostra que o Republicanos não está totalmente ‘fechado’ no apoio à pré-candidatura de Efraim Filho (União Brasil). Imaginando a possibilidade de o partido integrar a chapa majoritária na condição de indicar o vice, o apoio ao deputado do União Brasil por parte de alguns membros poderia ser repensado. É uma ideia plausível.

AS ESCOLAS FAKES DE BOLSONARO

“Com o orçamento atual, o governo levaria 51 anos para construir as escolas”. De Frei Anastácio (PT), referindo-se ao que classifica de “escolas fakes” da gestão Bolsonaro: anunciar a construção de duas mil escolas. De acordo com ele, essas unidades “não têm nem orçamento previsto para a construção”. O deputado afirma que “O Governo não tem recurso para construir a 3,5 mil que já estavam anunciadas, mas anuncia a construção das novas unidades educacionais”.

A PERGUNTA FOI RESPONDIDA

Esta semana, a coluna fez a seguinte indagação a respeito do escândalo de corrupção denunciado dentro do MEC, envolvendo pastores: ‘Quem levou os pastores ao MEC?’. Considerando que Arilton Moura e Gilmar Santos tinham acesso liberado na pasta, é aceitável a ideia de quem alguém lhes dava trânsito livre. Agora, confirma-se que ambos visitaram o Palácio do Planalto 35 vezes, sendo a última em 16 de fevereiro, pouco mais de um mês antes de o escândalo vir à tona. A pergunta foi respondida.

AS QUERELAS NO NINHO TUCANO

As prévias do PSDB que indicaram João Dória como pré-candidato a presidente – ele derrotou o então governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite – ainda geram polêmicas dentro do ninho tucano que parecem insuperáveis. O fato mais recente foi a decisão de Dória de retirar o presidente nacional da legenda, Bruno Araújo, da coordenação-geral de sua pré-campanha, acusando-o de “relativizar” sua candidatura. Nas redes sociais, Araújo postou: Ufa! Comando que nunca fez questão de exercer”.

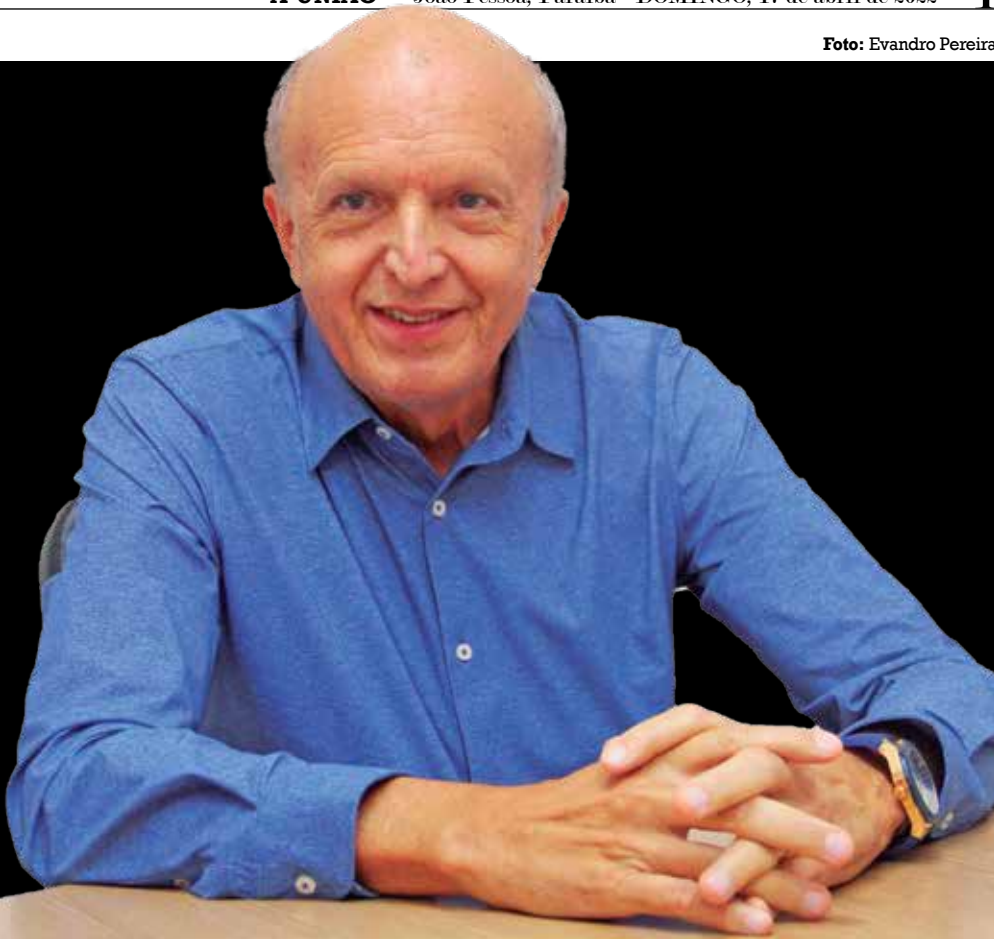
OMS É CONTRA ‘REBAIXAR’ PANDEMIA, MAS QUEIROGA ESTUDA POSSIBILIDADE

Diretor executivo da Organização Mundial de Saúde (OMS), Mike Ryan, afirma que “de maneira nenhuma” a pandemia de Covid-19 atingiu a condição de endemia. “Mudar de pandemia para endemia é apenas alterar o rótulo, nós precisamos de um controle sustentado do vírus”, disse, em entrevista coletiva. No Brasil, contudo, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, estuda adotar essa medida, pondo fim à Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (Espin).

Geraldo Medeiros,

Ex-secretário de Saúde do Estado

“A política precisa ser trabalhada para o bem coletivo”



Após 12 anos de trabalho na gestão pública, o ex-secretário de Saúde do Estado vai buscar uma cadeira na Câmara

André Resende
andresendejornalismo@gmail.com

Geraldo Medeiros acumulou, em 12 anos de trabalho na gestão pública, um legado que transformou para melhor o atendimento médico hospitalar do Estado. Aos 69 anos, o médico, até pouco tempo secretário de Saúde do Estado, comentou que é movido a desafios e está pronto para mais um: buscar uma cadeira na Câmara Federal. Sua história de vida fala por si. Começou a trabalhar na empresa do pai aos 11 anos, deixou a zona de conforto de casa aos 16 para estudar em Recife, foi pioneiro nas cirurgias torácicas na Paraíba, abriu e geriu o Hospital de Trauma de Campina Grande e conduziu com equilíbrio a saúde pública paraibana durante a pandemia, a despeito das pressões, pautando as ações com base em evidências científicas.

“Todas as nossas decisões foram pautadas em evidências científicas, nunca foram para agradar grupos políticos. Por isso que, em alguns momentos, fomos criticados por segmentos que tinham interesses pessoais. Nunca adotamos essa política de ‘deixar morrer, que todos se infectassem e que morresse quem tivesse que morrer, e vamos continuar tocando nossa vida’. Se tivéssemos feito isso, teríamos os números da gripe espanhola, com mais de 50 milhões de mortos no mundo”, comentou.

Um gestor movido a desafios, mas sem abrir mão do compromisso social de prezar pelo bem coletivo. Em todas as suas falas, Geraldo Medeiros demonstra não ter vaidade. Ao contrário, se coloca sempre para ajudar o próximo. Sabendo do tamanho do caráter e da predileção por buscar sempre fazer o bem coletivo, o governador João Azevêdo convocou e o médico Geraldo Medeiros acatou mais uma missão. Confira a entrevista exclusiva com o ex-secretário de Saúde da Paraíba ao Jornal **A União**.

A entrevista

■ *O senhor é médico de formação, mas chegou a trabalhar em outras áreas antes da medicina? Como foi o início da carreira na saúde pública?*

Eu trabalho desde os 11 anos. Meu pai foi vendedor de cocada para sustentar a família, foi motorista, depois foi dono de uma das maiores empresas de ônibus, chamada Planalto. E como era o filho mais velho, fui convocado com 11 anos a trabalhar na empresa, uma pessoa de confiança. Ele viajava muito, porque a empresa tinha viagens para o Rio de Janeiro, São Paulo, e eu, naquela idade, ficava com a chave do cofre da empresa. Naquela época, os fiscais chegavam e perguntavam quem era o representante da empresa, eu me apresentava, mas ninguém acreditava. Comento só para mostrar minha trajetória de trabalho. Fui embora com 16 anos para Recife, fiz o segundo e terceiro ano do Ensino Médio - naquela época chamavam Científico. Passei em três faculdades - em Campina Grande e em duas no Recife. Escolhi a federal, porque era a melhor escola que tinha. Sempre gostei muito de estudar, concluí meu curso na Universidade Federal de Pernambuco, por intuição própria, não houve influência da família. Fiz residência em cirurgia cardíaca no Recife, depois fui para a Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, fiz residência em cirurgia torácica, em janeiro de 1980 eu retornei para Campina Grande. Naquela época, não existia na Paraíba cirurgia torácica, não tinha essa especialidade, porque era muito específica. A partir disso, eu fui formar uma equipe para trabalhar com cirurgia torácica. Esse foi o início da cirurgia

torácica na Paraíba, em janeiro de 1980. Eu era o único cirurgião do tórax em Campina Grande. Passei 20 anos trabalhando de segunda a segunda, porque só tinha eu. Hoje temos uma boa equipe de cirurgia de tórax por lá, bem formada, ex-alunos meus. Também sou professor, passei no concurso da Universidade Federal de Campina Grande e ainda sou professor lá.

■ *Como médico com carreira estabelecida, sem mais nada a provar, decidiu se lançar na gestão pública. Gerir o todo é mais complexo do que cuidar do micro, do paciente?*

Passei 30 anos sem fazer gestão pública, e em 2011 nos deparamos com um hospital em Campina Grande, regional, que tinha um conceito horrível na comunidade. Era chamado popularmente de “matadouro”. A gente saiu, inaugurou um hospital novo, que é o Hospital de Traumas, só que só fez inaugurar. Era um “elefante branco”. Então eu fui o porta-voz dos médicos numa audiência com o governador Ricardo Coutinho, me manifestei na associação comercial, no auditório, e ele chamou o assessor dele e falou que me queria na direção do hospital. Abrimos o Hospital de Trauma de Campina Grande e hoje podemos dizer que é um hospital de referência na Paraíba e no Nordeste. Quando eu achei que tinha terminado minha missão como gestor, o governador João Azevêdo me convidou para ser secretário de gestão das unidades de saúde do Estado, que na prática é um secretário executivo. Assumi em janeiro de 2019, e no dia 29 de abril, às 2h, fui nomeado secretário de Saúde. Isso foi naquela fase da Calvário, de Organizações

Sociais (OS), muita coisa ruim. Eu até disse ao governador, um dia desses, que eu devo ter carma para lidar com broncas, acho que o homem lá de cima quer que eu pague meus pecados na Terra. Quando a gente conseguiu extinguir as OSs, que não havia a menor possibilidade de persistir com elas, quando a gente achou que a coisa iria engrenar, veio a pandemia.

■ *O senhor foi secretário de Saúde justamente em um período de crise sanitária no mundo, com uma pandemia de um vírus que ainda se conhece pouco. Qual foi o tamanho do desafio?*

A pandemia foi uma responsabilidade que só a gente, que vivenciou, tem a ideia precisa do que nós passamos, dos riscos que sofremos, da responsabilidade extrema, porque uma decisão errada poderia representar mortes de pessoas. O norte da nossa gestão foi, primeiro, jamais ceder a pressões, isso daí foi um elemento fundamental para salvarmos muitas vidas no Estado. Eu costumei dizer que sou um ótimo “headhunter”, já tínhamos Renata aqui, trouxe Daniel Beltrami, e gradativamente o governador nos deu respaldo para formar uma equipe comprometida, que tem compromisso social, que tem devoção ao serviço público. Seguimos nossa trajetória de pautar nossas decisões com base na ciência, rechaçando o empirismo e o “achismo”. É tanto que a Paraíba foi um dos únicos estados que nunca autorizou institucionalmente o uso do “kit covid”. Se as pessoas tivessem lido sobre a gripe espanhola não teriam errado tanto, foi um encaixe idêntico com o que vivemos. Repetimos os mesmos erros, porém com um cenário de tecnologia muito mais avançado, porque naquela época não tinham nem o microscópio para identificar o vírus. O nosso diferencial na condução da pandemia foi o exaustivo trabalho de estudo. Tanto com Daniel Beltrami, como com Renata Nóbrega. Estudávamos muito. Tenho muitos grupos, com colegas de outras partes do país, médicos, esses grupos me ajudaram, fornecendo trabalhos do mundo inteiro sobre a Covid-19. Tudo que estava ocorrendo no mundo a gente estava acompanhado. Percebemos, também, que tudo o que estava acontecendo na Europa ocorria com um período de dois meses depois no Brasil, então podíamos trabalhar para tomar as melhores decisões. Ouvimos também muitos especialistas, epidemiologistas, infectologistas, e alguns estados não ouviram.

■ *E qual o legado que Geraldo Medeiros deixa na Secretaria de Estado de Saúde?*

Sem empáfia nenhuma, existia uma saúde pública na Paraíba antes e uma depois da nossa gestão. Nós éramos o Estado que

menos realizava transplantes no Brasil, e no primeiro ano recebemos o título de Estado que mais cresceu no país em número de transplantes. Isso sem aumento de custeio, mostrando que era um problema de gestão. A instalação das unidades hospitalares, a descentralização do atendimento, que aqui eu cito o Hospital das Clínicas de Campina Grande, que foi a salvação da cidade e de todo o entorno durante a pandemia, diante da alta ocupação de leitos. Nos hospitais em que escolhemos os diretores, todos criaram uma política de humanismo. Hoje, as pessoas fazem questão de serem atendidas no Hospital das Clínicas. Outro marco foi a transparência da nossa gestão, que foi reconhecida até pela Organização Pan-Americana de Saúde (Opas). Criamos a Escola Estadual de Saúde, colocamos fim aos servidores codificados na pasta, acabando com uma relação espúria de mais de sete mil servidores que não tinham qualquer direito trabalhista, uma relação que perdurava há mais de 20 anos em alguns casos.

■ *Como surgiu a ideia de tirar licença da pasta da Saúde visando um cargo eletivo?*

Se me perguntassem há 10 anos se eu tinha pretensão de entrar na carreira política, eu diria que não tinha nenhuma pretensão. Diante do que eu fiz como gestor de saúde ao longo de 12 anos em benefício da população e de 30 anos como médico, trabalhando o tempo todo com o SUS, numa época em que o médico não ganhava isso tudo, eu pensei melhor sobre essa perspectiva. Se os homens de bem não começarem a entrar na política, é porque esse país não tem futuro. Foi um convite feito pelo governador do Estado, e eu aceitei, mesmo contra a família. Estou numa fase da minha vida em que a política

“
Jamais cedemos a pressões; isso foi um elemento fundamental para salvarmos muitas vidas no Estado. Seguimos nossa trajetória de pautar nossas decisões com base na ciência, rechaçando o empirismo e o 'achismo'”

Geraldo Medeiros

me atrai. A política precisa ser trabalhada para o bem coletivo, não pelo seu próprio bem ou de outrem. Meu nome vai estar posto para a sociedade e cabe a ela julgar se meu nome vai ser aceito ou não. Em função da pandemia, do desempenho que a Paraíba teve, na visibilidade que tivemos, acho que essa trajetória mostra muito trabalho, com muitos indicadores bons. A Paraíba é um dos estados que mais vacinaram sua população na pandemia, primeiro lugar em índice de segurança no retorno às aulas presenciais, primeiro lugar na condução da pandemia, principalmente pela tempestividade das ações que tivemos.

■ *Caso chegue ao Congresso Federal, quais seriam as pautas que nortearão seu mandato?*

Nosso pleito será na área de saúde. Não só pelo que aprendemos na pandemia, mas ao longo de 40 anos de medicina no SUS e 12 anos como gestor. Vivemos num dos países mais violentos do mundo. Temos uma média de 200 mil mortes violentas por ano. Uma das minhas ideias, caso eu consiga chegar lá, é de trabalhar na redução desses números, principalmente, na proteção dos motociclistas, que são as grandes vítimas desse problema. Somos o segundo país do mundo em número de mortos por motocicleta, atrás somente do Paraguai. Temos um projeto chamado Trauma 2021-2030: são 10 anos de políticas públicas para reduzir o número de mortes por trauma em 50% no Brasil. Um projeto muito bem elaborado, em que a Sociedade Brasileira de Trauma, sabendo da minha capacidade, me convocou e eu promovi um encontro deles com o ministro da Saúde aqui no Palácio da Redenção. Esse projeto já está no Ministério, mas desde então não avançou. Além disso, vamos trabalhar para aumentar a política de transplantes. Somos o segundo país que faz transplantes, atrás somente dos Estados Unidos. Também penso que um deputado federal deve dar bom exemplo, porque um parlamentar tem direito a 25 assessores, são R\$ 106 mil que ele recebe todo mês, tem auxílio-paletó, tudo isso precisa ser repensado. Num país que tem 120 milhões de pessoas em vulnerabilidade social, muita coisa tem que ser repensada. Se não for modificada, não vamos transformar esse país. Isso não é para mim, nem para você, é para os nossos filhos, nossos netos. São coisas que me estimulam a querer mudar as coisas. Infelizmente, existe um pensamento de que os homens de bem não devem entrar na política, eu acho que isso é um mal. Muitas vezes, as pessoas que pensam assim estão em uma posição privilegiada, na zona de conforto, mas os reflexos da desigualdade nós vemos todos os dias.

CENTRO HISTÓRICO

A rica variedade arquitetônica de JP

Igrejas e casario construídos ao longo dos 436 anos de história da cidade revelam estilos de diferentes épocas

Beatriz de Alcântara
alcantarabtriz@gmail.com

O ano era 1585 quando, às margens do Rio Sanhauá, uma nova cidade se delineava. A quarta mais antiga do país, construída depois de Salvador, São Paulo e do Rio de Janeiro. Ali, junto ao rio, se constituía uma capital que só receberia o nome de João Pessoa muitos anos depois. O local de seu berço hoje é conhecido – e reconhecido – como Centro Histórico, o ponto de partida para o desenrolar de 436 anos de história. A identidade arquitetônica do lugar é marcada por referências tradicionais do período colonial, como o barroco, o rococó, o

neoclassicismo e a art-nouveau. De acordo com Eudes Raony, arquiteto e professor do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), a arquitetura da cidade de João Pessoa em seu início de formação, quando ainda se chamava Filipeia de Nossa Senhora das Neves, tem uma característica típica das cidades portuguesas. “A lógica urbana da cidade colonial é a lógica de uma típica cidade portuguesa ou de uma típica colônia portuguesa, que é composta por uma área de ribeira – com a parte baixa, onde aconteciam as atividades comerciais, e a cidade alta onde estavam as questões administrativas e agrupava a sociedade (elite), as pessoas mais ricas do

governo, as ordens religiosas, entre outros”, pontuou. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), são 502 edificações tombadas em uma área de 370 mil m², abrangendo 25 ruas e seis praças, desde o Varadouro, nas proximidades do Rio Sanhauá, até as imediações da Duque de Caxias. No momento do tombamento, o Centro Histórico de João Pessoa foi inscrito nos livros Histórico e Arqueológico, bem como Etnográfico e Paisagístico. A iniciativa pretendia conservar a história do local e também suas referências artísticas, visto que possui uma diversidade de estilos e épocas arquitetônicas.



Fotos: Marcos Russo

Construções da área da Praça Antenor Navarro têm características da arquitetura eclética

Arquitetura e arte andam juntas

A classificação das sete artes surgiu na Grécia, durante o século 17, e ficou conhecida também como o conceito de belas artes. Nessa época, definiu-se que o termo seria utilizado para pintura, escultura, música, literatura, dança e arquitetura. Por fim, ao incluir o cinema em meados do século 20, o conjunto ficou completo. Ou seja, a arquitetura, sempre se enquadrou como uma manifestação artística e, por conta disso, por muito tempo seus estilos e seus períodos andaram lado a lado com as referências da história, de maneira geral, e da arte. No Centro Histórico é possível ver muitas das marcas desses períodos.

A exemplo, o conjunto arquitetônico de São Francisco, que abarca o Convento de Santo Antônio e a Igreja de São Francisco. Ele é considerado um dos complexos mais importantes do Brasil quando se fala em período barroco. Segundo a arquiteta Amanda Roth, especialista em patrimônio histórico, a construção da igreja foi concluída em 1770, depois de ter tido a obra interrompida em decorrência da invasão holandesa. “A parte relativa ao convento foi iniciada em 1590 pelo Irmão Francisco do Campo Mayor, depois de projetado pelo frade e arquiteto Francisco dos Santos”, dividiu Roth em publicação no blog Arquitetando Rotas.

Na construção do conjunto de São Francisco se destacam a torre coberta por azulejos e suas superposições de abóbadas, também “as talhas de arenito de folhagens e flores estilizadas, se entremeiam com relevos barrocos”. O púlpito possui uma talha dourada trabalhada que foi considerada única no mundo pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco); o pátio do convento é do estilo mourisco – grupo de espanhóis muçulmanos que foram batizados depois do pragmatismo dos reis católicos em 1502 e na escadaria os detalhes são reflexos das influências de povos originários como incas e astecas.



Observação atenta das construções do Centro Histórico revela detalhes de diferentes estilos arquitetônicos

Barroco é estilo que se destaca

Outro exemplar do barroco no Centro Histórico de João Pessoa é a Igreja e Convento de São Bento, na avenida General Osório. Conforme destaca Amanda Roth, “um dos aspectos que mais chamam a atenção em sua concepção é a grande harmonia de suas linhas. É sem sombra de dúvidas um dos exemplares mais bonitos do barroco brasileiro”, apontou a especialista em uma de suas publicações do Arquitetando Rotas. Além destes dois, o Tea-

tro Santa Roza, considerado o terceiro mais antigo do Brasil, também é um cartão-postal indicativo da força do barroco na capital. De acordo com material da arquiteta, a construção apresenta uma influência forte do barroco original da Itália. A pedra calcária nas paredes e os camarotes – e estruturas do interior – constituídos de madeira de Pinho de Riga (que se assemelha a uma embarcação) são alguns exemplos de materiais utilizados na obra.

O barroco é possivelmente, a corrente artística mais importante do período colonial e, surgido na Itália, chegou ao Brasil através dos jesuítas. A influência religiosa foi somente uma das fontes da qual o barroco bebeu, tendo como outras referências a arquitetura da Europa, principalmente a portuguesa. As principais características do estilo no Brasil são os jogos de luz e sombras, murais e pinturas, uso de elementos em madeira e pedra-sabão.



Complexo de São Francisco é um dos mais importantes do Brasil construído no estilo barroco

A mistura que produz identidade

“As obras de modernização nas primeiras décadas do século 20 deram à área a feição urbana que conhecemos hoje; os casarões ali existentes (proximidades do Porto do Capim) também datam da mesma época, cujo estilo eclético varia entre o neoclássico e o art-déco”, explicou Eudes Raony, arquiteto e professor do IFPB. A arquitetura eclética é quando há a combinação de dois ou mais estilos e referências artísticas nas obras, como nos detalhes da Igreja de São Francisco, por exemplo. Esse estilo está bem presente nas imediações da Praça Antenor Navarro e também no Hotel Globo. A praça, que possui em seus arredores as casas coloridas que chamam atenção em quem desce do bairro do

Centro para o Varadouro pela Rua Cândido Pessoa, nasceu, segundo Roth, em um período que impulsionou uma série de projetos urbanísticos entre 1920 e 1930. Em relação à arquitetura, o estilo predominante é o art-déco. O Hotel Globo possui em seu estilo arquitetônico as influências da chamada art-nouveau, além de também ter elementos da art-déco e do neoclássico. Ainda no ramo hoteleiro, o Paraíba Palace, no Centro de João Pessoa, também é um exemplo de arquitetura com elementos da art-nouveau. Assim como o estilo, o prédio teve seu auge entre as décadas de 1930 e a de 1960. O estilo denominado de “art-déco” surgiu na França, na década de 1920, e tem

a escultura do Cristo Redentor como um de seus principais exemplares. No mesmo período, por volta da década de 1920, surge o estilo art-nouveau marcado pela associação com a natureza. Além disso, dentre suas principais características estão as linhas curvilíneas e assimétricas, as formas orgânicas, o design considerado extravagante, priorizar materiais como vidros e o ferro e, de certa forma, se assimilar ao barroco e o rococó. O neoclássico também marca presença em João Pessoa com um dos principais nomes sendo o prédio do Tribunal de Justiça, a antiga Escola Normal. O Centro Histórico de João Pessoa é rico em sua arquitetura e paisagens.

MINISTÉRIO DO TURISMO E BRADESCO SEGUROS APRESENTAM

CLAUDIA RAIA JARBAS HOMEM DE MELLO

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL GUILHERME TERRA

CONCERTO

PARA DOIS

O MUSICAL

30 de abril

Teatro Pedra do Reino

Horário: 21h (sábado)

Informações: 2106-6504

Vendas: lojas Skyler (shoppings Manaira e Tambia)

www.ingresso digital.com

TITULO ANNA TOLEDO

ENCENAR THIAGO GEMES

TONY LUCCHESI E ANNA TOLEDO

ENCENAR JARBAS HOMEM DE MELLO

ENCENAR E COORDENADOR RÁFA BARROS

ENCENAR TONY LUCCHESI

ENCENAR RÁFA BARROS

PATROCÍNIO

bradesco seguros

APOIO CULTURAL

Azul

APOIO CULTURAL LOCAL

35

NILK

nord

QUANTAL

REALIZAÇÃO

ANNA

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO RIO DE JANEIRO

PARTECIPAÇÃO ESPECIAL GUILHERME TERRA

PARTECIPAÇÃO ESPECIAL GUILHERME TERRA

PARTECIPAÇÃO ESPECIAL GUILHERME TERRA

VENDAS

ingresso digital

ingresso digital

PÁSCOA

Momento para refletir sobre a vida

Época da ressurreição de Jesus Cristo representa a vitória da vida sobre a morte, é período de mudanças individuais

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Para as religiões cristãs, este domingo de Páscoa significa um momento de mudança, de se desprender de tudo o que aprisiona a alma e impede o indivíduo de estar plenamente em paz consigo mesmo. Do hebraico *Pessach*, a palavra quer dizer passagem, sendo simbolizada em dois momentos bíblicos. No Antigo Testamento, a Páscoa é representada pela saída do povo de Israel, que vivia em regime de escravidão no Egito, rumo à Canaã, terra prometida. Já no Novo Testamento retrata a ressurreição de Jesus Cristo, filho de Deus, que após ser crucificado e morto, retorna à vida.

Nas duas passagens bíblicas, a Páscoa tem a mesma mensagem: libertação. O que antes era sofrimento ficou para trás, já não existe, portanto, é hora de louvar e comemorar. “A Páscoa é uma das principais festas dos cristãos que quer dizer passagem, mudança do estado da alma, do espírito. Lembra a libertação do povo de Israel do Egito, e hoje, representa nossa libertação dos Egíto que habitam em nós: dos medos, das angústias, de tudo aquilo que aprisiona a alma humana. Por isso, Páscoa quer dizer passagem da escravidão para a liberdade, para a vida”, declarou o pastor EstEvam Fernandes, da Primeira Igreja Batista de João Pessoa.

Segundo ele, o momento é de se conectar com o divino, de se questionar e buscar as respostas para as inquietações. “A minha mensagem de Páscoa é para que todos se concentrem em si mesmos e perguntem-se: quantos Egíto habitam em mim? O que me prende, o que me algeima? E olhem para Deus, para Cristo, que é nosso caminho para a ressurreição. Ele disse: o filho vos libertará, porque só Ele tem a verdade e a alegria eterna”.

Em algumas doutrinas religiosas não há um calendário oficial da Páscoa, como no espiritismo.

O presidente da Federação Espírita Paraibana, Marco Lima, explicou que para os espíritas não existe uma celebração formal da data, porém, nessa época costuma-se fazer um estudo mais aprofundado do Evangelho, procurando aplicar essa vivência no cotidiano. “Temos na ressurreição do Cristo uma simbologia de passagem da morte para a vida. Esse é um convite perene para que façamos uma introspecção, no intuito de mudarmos nossas imperfeições, para que a gente possa transformar nossas atitudes em algo mais louvável perante Deus”.

Marco Lima destacou que a Páscoa para os espíritas é um momento de meditação, de uma mudança moral, sempre lembrando a figura primordial que é a vida de Jesus Cristo. “Ele será sempre o protagonista dessa data”. E para buscar a transformação para uma “nova vida”, ele disse que é importante ter o autoconhecimento, procurando adotar atitudes amorosas, mais fraternas diante da própria vida e do próximo. “Porque o Evangelho deve ser estudado, meditado, sentido e vivido”.

O bispo Diocesano de Campina Grande, Dom Dulcênio Fontes de Matos, explicou a importância de se vivenciar os ritos da Semana Santa, do Tríduo Pascal e das celebrações deste domingo de Páscoa. De acordo com ele, há dois anos os fiéis foram obrigados a ficar em casa devido à pandemia, e este ano é o momento de louvar e participar das celebrações.

“Esse é um tempo em que o verdadeiro cristão deve parar para refletir, parar no sentido de participar. Não se trata de dias onde você vai descansar e passear. São dias de reflexão, de união com o Senhor. Vamos pensar que fomos obrigados a ficar por dois anos em casa por conta de uma pandemia. O Senhor está nos libertando da pandemia. Agora é hora de chegar até Deus e dizer obrigado, estou aqui para participar, mergulhar nesse mistério. Fica aqui o meu convite”.



Fotos: Pixabay

Período da Páscoa é uma época de reencontro com a vida e Jesus Cristo, o Deus vivo, de participar da missão do Senhor



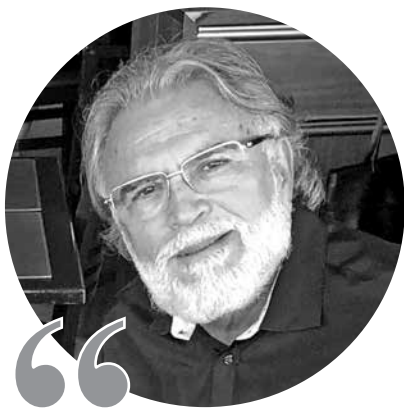
Esse é um tempo em que o verdadeiro cristão deve parar para refletir, parar no sentido de participar... É hora de chegar até Deus e dizer obrigado, estou aqui para participar, mergulhar nesse mistério.

Dom Dulcênio Fontes



Temos na ressurreição do Cristo uma simbologia de passagem da morte para a vida. É um convite para que façamos uma introspecção, no intuito de mudarmos nossas imperfeições

Marco Lima



A Páscoa é uma das principais festas dos cristãos que quer dizer passagem, mudança do estado da alma, do espírito...Páscoa quer dizer passagem da escravidão para a liberdade, para a vida

Estevam Fernandes

Missas de Páscoa

■ Em João Pessoa

6h – Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves, sendo presidida pelo Monsenhor Robson.

9h – Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves, tendo como celebrante o arcebispo da Paraíba, Dom Manoel Delson.

17h – Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves, com o Monsenhor Robson.

18h30 – Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves, tendo como celebrante o Monsenhor Robson.

■ Em Campina Grande

10h – Catedral de Nossa Senhora da Conceição, tendo como celebrante o bispo Diocesano, Dom Dulcênio Fontes de Matos.

16h30 – Catedral de Nossa Senhora da Conceição, sendo presidida pelo padre Luciano Guedes, pároco da Catedral e vigário geral da Diocese.

18h - Capela de São Pio X. O celebrante será o padre Luciano Guedes.

19h30 - Catedral de Nossa Senhora da Conceição, também com o padre Luciano Guedes.

Uma chance, um recomeço, uma vitória

O sentimento de renascimento transmitido na Páscoa pode, porém, ser vivenciado ao longo de todo o ano. E muitas dessas experiências estão expostas na sociedade, por toda parte, seja na cura de uma doença, na retomada da vida rumo a um caminho de fé e retidão ou qualquer outra forma de libertação. Uma desses exemplos é a história de Daniel Alves de Oliveira, 23 anos, morador da cidade de Conde.

Na adolescência, ele se desinteressou pelos estudos, experimentou droga, se entregou à bebida, festas e farras. “Trabalhava os cinco dias da semana e começava a beber logo na sexta-feira, até o domingo. Cheguei a ficar dois dias fora de casa somente bebendo. Meus pais reclamavam, me aconselhavam, mas eu nem ligava. Minha vida era uma bagunça, dei muito traba-

lho na escola e acho que caminhava para o alcoolismo”, declarou.

Quando tinha 22 anos de idade, por aconselhamento de um amigo e um dos seus quatro irmãos, Daniel visitou o Projeto Social Lutando e Vencendo, ligado à Igreja Anglicana. Lá, foi incentivado a retomar os treinos de jiu-jitsu, abandonados ainda criança. “A galera de lá me revigorou e eu disse que ia voltar a treinar”.

Dos treinos, Daniel de Oliveira começou a participar de competições e se tornar campeão. Ganhou no ano passado o Campeonato Brasileiro de Jiu-jitsu na faixa branca, o Open Jampa de Jiu-jitsu e esse ano se prepara para o Campeonato Brasileiro de Jiu-jitsu na faixa azul. “Com a ajuda do pastor Bosco, de Thaís, da prefeitura de Conde consegui participar, o ano pas-

sado, do Campeonato Brasileiro e hoje minha vida é na igreja e treinando. Fiz o supletivo e terminei o segundo grau. Agora, pretendo entrar numa universidade e fazer o curso de Educação Física, quero ser *personal training*. Dou aulas de jiu-jitsu para as crianças do Projeto Social e quero dar andamento nessa missão”.

Daniel Oliveira contou que, se estivesse seguido o outro caminho das festas e bebida, sua vida certamente teria tido outro desfecho. “Quando eu era criança, tinha professor que falava que eu não chegaria aos 15 anos devido ao meu comportamento. Hoje, quando me veem, me abraçam e pedem desculpas. Agora sei que, com fé em Deus, tudo fica mais fácil. Eu queria mudar, só precisava de uma chance e abracei essa oportunidade”.

Apoio e luz para seguir a difícil jornada

Para quem enfrenta um grave problema de saúde, a “salvação” está na superação da doença. O morador de João Pessoa, Armando (nome fictício), 51 anos, revelou que teve conhecimento de que tinha HIV aos 27 anos de idade. Com o diagnóstico veio também o preconceito. Ele descobriu que era soropositivo quando morava no interior e passou a apresentar doenças oportunistas como a neurotoxoplasmose.

Muito debilitado e quase inconsciente foi internado. Somente

no hospital veio a notícia de que era soropositivo. “Saí do hospital ainda muito debilitado e emocionalmente destruído. Fiquei aproximadamente dois anos recluso, me adaptando ao tratamento e me recuperando fisicamente”. Nessa caminhada, ele passou por momentos difíceis. “O que me chocou foi quando o dentista se recusou a me atender, por causa do preconceito”, contou.

No ano 2000, Armando conheceu o Movimento Social de Luta contra a Aids, o que lhe trouxe a “luz” que precisava para seguir

mais confiante a sua trajetória. Por meio da interação com o movimento e outras pessoas com HIV, ele foi se fortalecendo e aprendendo a viver na nova condição de vida.

“Também fui sempre bem acolhido pela família e amigos. No entanto, acredito que todas as pessoas vivendo HIV passam por preconceito. Não vejo como negativo quando, a partir do acesso a informações, isso é superado. O problema é quando, mesmo com informações, o preconceito vira discriminação”.



Depois de estreiar em casa com vitória diante do São José-RS, o Botafogo tem uma parada mais dura neste domingo, na cidade de Ribeirão Preto, diante de seu homônimo, buscando a liderança

BRASILEIRO DA SÉRIE C

Botafogo joga em Ribeirão Preto

Já o Campinense, também vitorioso na estreia, recebe o Brasil de Pelotas, no Amigão, pela segunda rodada

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

O Botafogo fará, hoje, a sua primeira partida fora de casa pela Série C do Campeonato Brasileiro. O Belo vai encarar o Botafogo de Ribeirão Preto, às 11 da manhã, no Estádio Santa Cruz, no interior paulista. O jogo é válido pela segunda rodada da competição e vale a liderança, já que as duas equipes estrearam com vitórias. O Belo venceu o São José por 2 a 1 e o time paulista venceu o Altos por 3 a 1.

O Estádio Santa Cruz traz tristes lembranças para os torcedores do Botafogo. Em 2018, os dois botafogos disputaram uma vaga para a Série B. O Belo venceu o jogo de ida no Almeidão, por 1 a 0 e estava conquistando a vaga em Ribeirão Preto, com um empate em zero a zero, até

30 segundos antes do final da partida, quando levou um gol do adversário e perdeu pelo mesmo placar. A disputa foi para a cobrança de pênaltis e o time paulista levou a melhor.

Indiferentes às lembranças dos torcedores, o técnico Gerson Gomes e os jogadores comemoraram muito a vitória na estreia em casa e a semana inteira sem jogos para recuperar alguns atletas, que estavam dando sinais de desgaste físico. “Foi muito importante essa vitória na estreia em casa e esta semana inteira para trabalhar e se preparar para este jogo”, disse o meia Esquerdinha.

Existe a possibilidade do retorno do meia Anderson Paraíba, que vem se recuperando de uma contusão, mas está envolvido em uma negociação com outro clube e pode deixar o Belo ao final do contrato. A tendência é que, mesmo que ele te-

nhas condições de jogo, fique como uma opção no banco de reservas.

O treinador preferiu não revelar qual será o time titular para este jogo em Ribeirão Preto. A princípio, há grandes chances de ser o mesmo que começou o jogo contra o São José, mas o próprio Gerson Gomes já admitiu que o adversário deste domingo é um time difícil de ser batido em seus domínios, e por isso, poderá tomar alguns cuidados defensivos. Outro aspecto importante e desfavorável ao Belo é o forte calor que deverá fazer na hora do jogo, próximo ao meio-dia.

“Nós sabemos do poderio do adversário, que vem investindo muito forte no elenco para conseguir voltar à Série B e deverá propor o jogo. Eu estudei durante a semana a maneira como o Botafogo joga e acredito que eles vão propor o jogo e vir para

cima, mas nós temos a nossa maneira de jogar e vamos tentar neutralizar os pontos fortes do adversário. O calor também será uma adversidade que vamos enfrentar, mas estamos preparados, na Série C não tem moleza em nenhum jogo, sobretudo fora de casa”, afirmou o treinador.

Campinense x Brasil

Assim como o Botafogo, o Campinense também estreou com vitória na Série C, 1 a 0 sobre o Atlético, no Ceará. Hoje, às 17 horas, a Raposa estreia em casa, contra o Brasil de Pelotas-RS, no Amigão. A partida está sendo aguardada com grande expectativa e a diretoria do rubro-negro espera a presença de um grande público para empurrar a equipe para uma segunda vitória, e consequentemente, a liderança da Série C.

A ideia do técnico Ranielle Ribeiro é utilizar por mais tempo alguns reforços, que jogaram poucos minutos contra o Atlético, por causa do forte calor e das condições do gramado do Estádio Domingão, em Horizonte.

“A maioria dos atletas que chegaram recentemente ao clube ainda não está nas condições físicas ideais e portanto eu preferi poupá-los, sobretudo no primeiro tempo, porque o calor era muito forte e eles sentiriam um grande desgaste físico. Alguns entraram no segundo tempo, com um clima melhor e puderam contribuir decisivamente para a vitória da equipe. No Amigão, com o jogo às 18 horas, é uma outra situação e eles estarão também melhor condicionados”, afirmou o treinador, dando a entender que o time titular deverá sofrer mudanças.

SOUSA E SÃO PAULO

Clubes paraibanos estreiam, hoje, na Série D

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

O torcedor do São Paulo de Cruz do Espírito Santo aguarda com muita expectativa a estreia do clube em uma Série D. O dia tão esperado chegou e neste domingo, o Tricolor enfrenta o Afogados de Ingazeira-PE, tentando marcar seus primeiros pontos na competição e dar início a uma boa campanha na sua primeira participação em uma competição nacional.

O time vem de uma eliminação traumática do Campeonato Paraibano, ao ser goleado pelo Nacional de Patos por 4 a 0, na disputa de uma vaga para as semifinais. Durante esta semana, o treinador Ederson Araújo tentou elevar o moral dos jogadores e fazer ver a eles a importância de começar bem uma outra competição, que é nacional.

“Nós procuramos esquecer o Paraibano, quando as coisas não aconteceram exatamente como a gente desejava e agora estou pedindo reforços a diretoria pedindo reforços, porque teremos uma competição com um nível mais elevado e muito longa. Nesta primeira partida, ainda não teremos novidades, o time será o mesmo do Paraibano, mas esperamos estreiar bem e fazer o dever de casa”, disse o treinador.

América x Sousa

Após se classificar para as semifinais do Campeonato Paraibano, com uma vitória de 1 a 0 sobre o Treze, o Sousa agora começa a caminhada na Série D, a segunda que disputa de forma consecutiva, e desta vez mais forte, tentando a classificação para a segunda fase. Hoje, às 15 horas, o Dinossauro enfrenta o América, na Arena das Dunas, em Natal.

No ano passado, o Dinossauro fez uma boa campanha e por pouco não conseguiu a classificação. O time foi o primeiro fora da zona de classificação, o quinto colocado. O América de Natal é um velho conhecido do Dino. No ano passado, os dois clubes caíram também no mesmo grupo e se enfrentaram duas vezes. No Marizão, em Sousa, o clube paraibano venceu por 2 a 0 e, em Natal, perdeu por 4 a 1.

Após uma bela campanha na Copa do Nordeste e no Campeonato Paraibano, o Sousa começou a temporada em alto nível, com um time forte e entrosado e é um dos favoritos a ficar com uma das quatro vagas para a próxima fase. “O Sousa só entra em uma competição pensando em fazer bonito e desta vez não será diferente. Nossa intenção é conseguir o acesso para a Série C”, disse o presidente Aldeone Abrantes.



O Sousa vai atuar em Natal, contra o América, na Arena das Dunas, enquanto o São Paulo Cristal recebe o Afogados-PE, no Estádio Carneirão

Jogos de hoje

- SÉRIE A**

11h
Santos X Coritiba

16h
Flamengo X São Paulo

18h
Bragantino x Atlético-GO
Internacional x Fortaleza
Athletico-PR x Atlético-MG
Ceará x Botafogo
- SÉRIE C**

11h
Botafogo-SP x Botafogo-PB

16h
Aparecidense x Mirassol

17h
Campinense x Brasil -RS
- SÉRIE D**

15h
Aimoré x Marcílio Dias
Castanhal x Moto Club
América-RN x Sousa
SP Crystal x Afogados
Icasa x Globo
Ceilândia x Costa Rica-MS
Nova Iguaçu x Cianorte
Pérolas Negras x Santo André

15h30
Juventude Samas x Fluminense-PI
Iporá x Operário VG

16h
São Raimundo-AM x São Raimundo-RR
4 de Julho x Pacajus
Tocantinópolis x Tuna Luso
Retrô x Crato
Lagarto x Santa Cruz
Juazeirense x CSE
ASA x Atlético-BA
Jacuipense x Sergipe
Açu-MT x Grêmio Anápolis
Anápolis x Brasilense
Nova Venécia x Bahia de Feira
Caldense x Inter de Limeira
Oeste x Paraná
São Bernardo x Portuguesa-RJ
Juventus-SC x São Luiz
FC Cascavel x Próspera

17h
Ferroviária x URT

17h30
Pouso Alegre x Real Noroeste

18h
Náutico-RR x Porto Velho
Humaitá x Amazonas



Gabriel Pio, Gabriel Yanno e Erick Henrique são as novas apostas do Botafogo, que voltou a realizar um grande trabalho nas categorias de base como fizera no tempo do técnico Ramiro Sousa

Base valorizada no Botafogo

Gabriel Pio, Gabriel Yanno e Erick Henrique vêm sendo utilizados constantemente pelo técnico Gerson Gusmão

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Ano após ano se evidencia, no futebol brasileiro, a necessidade do fortalecimento no futebol das categorias de base. Os clubes, na maioria das vezes, não têm condições financeiras para buscarem as melhores opções por jogadores qualificados. A melhor, e mais eficiente, opção é ter um conjunto de jogadores em casa, na base, para poder elevar aos profissionais, afinal craque se faz em casa.

Se adaptando a uma nova metodologia de investimento no futebol das categorias de base, o Botafogo trabalha com 200 garotos no Centro de Treinamentos da Maravilha do Contorno. Os jovens se dividem nas categorias Sub-15, Sub-17 e Sub-19, com cada um carregando o desejo de ser integrado ao elenco principal da equipe.

O trabalho nas categorias de base é comandado por Luiz Chancellor. Ele tem a missão de qualificar o potencial de jovens atletas para que, posteriormente, possam ser aproveitados no elenco principal do clube.

“Temos pouco menos de um ano de trabalho nas categorias de base. Chegamos com objetivo de qualificar o futebol juniores, no qual o clube não tinha nenhum tipo de trabalho de base. Nesta temporada, estamos mais estruturados para participar de competições qualificatórias, que possam nos colocar nos principais campeonatos regionais e nacionais das categorias de base do futebol nacional”

A metodologia do clube tem dado resultado, tanto, que cinco atletas da categoria de base estão integrados no elenco principal e consequentemente são relacionados para partidas nas principais competições disputadas pelo Belo. São eles: Edilson, goleiro; Gabriel Costa, meia; Gabriel Pio, atacante; Felipe Codó, centroavante e Erick, lateral direito.

Pelo Botafogo, o atacante Gabriel Pio, de 21 anos, já vestiu a camisa do clube durante sete partidas e, no confronto com o São Paulo Crystal, pela 9ª rodada do Campeonato Paraibano, marcou seu primeiro gol no elenco principal. Gabriel Pio é do município de Cruz do Espírito Santo e o atacante já havia disputado um Estadual pelo próprio São Paulo Crystal. Chegou às categorias de base do Botafogo, em 2020, até ser integrado ao elenco principal nesta temporada.

“Todo jogador jovem almeja grandes oportunidades, comigo não é diferente. Assinei contrato com um grande clube em evidência no Nordeste. Estou muito feliz por esse momento e espero contar com a confiança da diretoria, dos companheiros de equipe e também da torcida. São fatores que contribuem para que possamos construir uma carreira vitoriosa”.

“

Temos pouco menos de um ano de trabalho nas categorias de base. Chegamos com objetivo de qualificar o futebol juniores, no qual o clube não tinha nenhum tipo de trabalho de base. Nesta temporada, estamos mais estruturados para participar de competições qualificatórias, que possam nos colocar nos principais campeonatos regionais e nacionais das categorias de base do futebol nacional

Luiz Chancellor

Outro jovem que se destaca no elenco principal é Erick Henrique, lateral direito de apenas 18 anos. Até agora, ele já participou de oito partidas no elenco principal do Alvinegro da Estrela Vermelha. Ainda nas categorias de base foi emprestado para disputar pelo Larga-to-SE, a Copa São Paulo de Futebol Júnior de 2022. Agora, no elenco principal do clube, sonha alto com um objetivo de projetar uma carreira vitoriosa e um dia chegar a vestir a camisa da Seleção Brasileira.

“Antes eu estava nas arquibancadas, acompanhando os jogos e torcendo pelo clube, hoje, vivo essa sensação única de poder ganhar a confiança do treinador Gerson Gusmão. Tenho sido aproveitado no elenco principal, inclusive, sendo titular em alguns jogos. Isso aumenta a responsabilidade de me preparar para estar à disposição. Sonho em dia poder vestir a camisa da Seleção Brasileira. Na minha infância jogava nos campos de várzea de Bayeux, já almejando esse desejo. Agora tendo a oportunidade de estar em um grande clube, projeto uma

carreira com desejos de também poder jogar na Europa”, disse.

A grande revelação das categorias de base que vem se destacando no elenco principal é o zagueiro Gabriel Yanno. O atleta de 21 anos disputou a Copa do Nordeste 2021. Nesta temporada, já entrou em campo durante 13 partidas, sendo cinco pelo Campeonato Paraibano e oito pela Copa do Nordeste. Com boas partidas, o zagueiro vem ganhando a confiança do treinador Gerson Gusmão.

“Em vários momentos, enfrentamos situações que até nos fazem pensar em desistir do futebol, no entanto, assim como na própria vida, o futebol é movido por superações e desafios. É necessário superar as adversidades para que ela nos torne mais fortes, enquanto atleta e cidadão. O ano de 2022 tem sido muito importante na minha carreira, faço questão de agradecer a Ramiro Sousa por ter me trazido ao clube e ao treinador Gerson Gusmão por ter impulsionado a minha carreira. No início foi difícil me

meu lado, nos bons e maus momentos. Na estrada da vida, Deus coloca pessoas para auxiliar os caminhos. Espero um dia recompensar o esforço de todos aqueles que me ajudaram”, confidenciou Gabriel Pio.

Em meio às dificuldades, superações e oportunidades, os três atletas oriundos das categorias de base se preparam para disputar a fase semifinal do Campeonato Paraibano e o Campeonato Brasileiro Série C, com perspectivas de serem aproveitados em algumas partidas.

“Espero ser aproveitado por Gerson Gusmão, que ele possa me escalar nessas competições. Quero muito poder ter a oportunidade de ajudar nos objetivos do Botafogo nesta temporada. Acredito que o clube possa fazer uma boa campanha. A diretoria tem se esforçado em oferecer condições ao elenco para que possamos lutar pelos objetivos do clube. Quero estar preparado para ajudar o treinador”, comentou Erick Henrique.

O trabalho nas categorias de base do clube vai continuar com o objetivo de oferecer novas oportunidades para jovens atletas. E quem foi beneficiado espera que surjam novos talentos para brilhar no elenco principal do Botafogo.

“O clube vive um momento onde a garotada da base tem sido vista com bons olhos. As oportunidades estão surgindo, o Gerson Gusmão chegou e implantou essa nova filosofia de aproveitar os garotos da base. Esse tipo de trabalho pode gerar bons frutos para o clube”, finalizou Gabriel Yanno.



Luiz Chancellor, diretor das categorias de base

200
garotos vêm sendo utilizados nas categorias de base do Botafogo, num trabalho de qualificação para identificar o potencial dos atletas

adaptar, mas Gerson me deu a oportunidade que precisava, confiou no meu trabalho e me integrou no elenco principal. Foi uma oportunidade que estou sabendo aproveitar”, pontuou.

Assim como a realidade de muitos jovens que sonham em se tornar jogadores de futebol, o cenário enfrentado por Gabriel Pio até a sua chegada ao elenco principal do Botafogo, foi marcado por dificuldades, no início de sua trajetória. Com poucas condições financeiras para sua construção como atleta profissional, ele buscou conforto na ajuda dos familiares.

“Nos momentos mais difíceis busquei conforto com amigos e familiares. Tive a ajuda fundamental de meu pai, principalmente nas situações que não tinha condições financeiras. Ele me deixava e pegava nos locais dos treinos, muitas vezes pedindo ajuda a amigos e outros familiares, além disso, foi um incentivador, sempre falava que estaria ao

O horror da escravidão, a beleza da poesia

Antologia poética cobre um período de cerca de 350 anos sobre o tema escravidão, referenciando 81 poetas do século 17 aos tempos atuais

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Não há livro semelhante a *A escravidão na poesia brasileira - do século XVII ao XXI* (Editora Record, R\$ 89,90) na vasta historiografia nacional. Lançado no último dia 12, a obra organizada pelo poeta e editor carioca Alexei Bueno cobre um período de cerca de 350 anos e se mostra mais do que uma antologia que tem a escravidão como tema. Referenciando 81 poetas, desde Gregório de Matos a escritores contemporâneos ainda vivos, o livro reúne em mais de 200 páginas, textos crítico-ensaísticos e outras 500 de antologia. Há no livro grandes poemas de todas as épocas e escolas literárias, muitos deles monumentos icônicos da poesia brasileira, como um *Vozes d'África*, de Castro Alves, no romantismo; um *Banzo*, de Raimundo Correia, no parnasianismo, ou um *Essa negra Fulô*, de Jorge de Lima, em pleno modernismo.

A poesia foi, de longe, a arte mais importante do abolicionismo, e a obra consegue revelar a diversidade de abordagens que os indígenas e povo preto escravizado adquiriu no imaginário nacional e como esse papel foi se transformando no tempo, assim como as mudanças que houve no tratamento dado a exploração humana que até hoje estrutura o racismo e envergonha a nossa história como o último país do Ocidente a abolir a escravidão. “A força que um Castro Alves exerceu na campanha abolicionista, no Brasil inteiro, é inapreciável, ele e outros poetas extraordinários, como Fagundes Varela, ao lado de outros nomes menores, mas de grande e às vezes muito eficaz militância”, exemplifica Bueno.

Entre as mudanças que podem ser percebidas durante os séculos, Alexei destaca que, no período Colonial, Gregório de Matos tratava o escravo de forma natural e como parte do cenário por ele descrito. Já em Frei Manuel de Santa Maria Itaparica e em Alvarenga Peixoto, surge uma espécie de admiração pelos feitos físicos dos cativos, comparados até com heróis da mitologia clássica. Depois, com Tomás Antônio Gonzaga, aparece pela primeira vez uma visão crítica de uma instituição indefensável, da sua injustiça intrínseca, da sua violência. “Esta será a visão dominante, é óbvio, no muito



Foto: Museu Histórico de SC/Divulgação

Em Florianópolis, mural de Rodrigo Rizo em homenagem a Cruz e Sousa, um dos poetas da coletânea

rico período da poesia abolicionista, a rigor durante as quatro últimas décadas do Império. Ao lado disto, sempre houve um ou outro ‘quadro de gênero’, sem qualquer preocupação social ou ética, e chegando mesmo ao bucólico, firmando-se depois, com o passar do tempo, uma espécie de memória reivindicatória, que perdura até hoje”, contextualiza o escritor, que já recebeu o prêmio Jabuti duas vezes e publicou 18 livros de poemas, além de numerosos títulos sobre arte, arquitetura, cinema e história.

Organizados por data de nascimento, o livro inclui os mais destacados nomes da poesia nacional, como os ainda não supracitados Gonçalves Dias, Machado de Assis, Fagundes Varela, Alberto de Oliveira, Cruz e Sousa, Euclides da Cunha, Alphonsus de Guimaraens, Oswald de Andrade,

Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, e os paraibanos Augusto dos Anjos e Ariano Suassuna, além de outros autores em plena atuação. Não é apenas o negro escravizado que os textos abordam. “O tema da escravidão indígena foi, no entanto, muito limitado, e um dos seus maiores momentos, *I-juca-pirama*, de Gonçalves Dias, que considero dos maiores poemas da poesia de língua portuguesa e que merece estar em qualquer antologia do romantismo universal, trata da escravidão entre os próprios indígenas, e do ritual antropofágico consequente”, complementa.

A escravidão na poesia brasileira subdivide o tema em alguns estágios da comercialização e exploração dos negros vindos de África, como o exílio forçado, com a experiência de ser arrancado de sua terra para a realização da viagem ul-

tramarina; a travessia atlântica em navios negreiros; as sevícias físicas, com todo o horror, medo e até fascínio que se inflige ao torturar um ser humano; a profanação da mulher, destacando produções que tratam da desonra feminina e a libido dos senhores que as reduziam a objetos sexuais; a separação das famílias, com a venda de parentes a diferentes proprietários; a exploração dos velhos, que causava especial revolta e comoção entre os leitores; as revoltas e fugas; as que tratavam de figuras míticas como Zumbi dos Palmares; além de textos que se posicionavam diante das leis antiescravagistas; e, finalmente, o tûmulo do escravo, onde se dá o seu descanso e encerram os dramas.

De forma compreensível, o período histórico dominante na poesia sobre escravidão se deu durante a campanha abolicionista. “Creio que Luís Gama foi bastante importante, independentemente da muito grande importância da sua ação extraliterária. Já no caso de Cruz e Sousa, que tinha 27 anos no momento da Abolição, julgo que as suas peças mais marcantes sobre o tema são posteriores à vigência do cativeiro, ou seja, não têm mais caráter abolicionista”, delimita Alexei Bueno, que prospectou poemas que nunca foram publicados e outros estavam totalmente esquecidos. “Destacaria o poema, que considero uma obra-prima, *História de um escravo*, de Xavier da Silveira Júnior, filho do tribuno abolicionista santista, Xavier da Silveira, que também comparece no livro. Este poema foi publicado em 1888, poucos meses antes da Lei Áurea, num opúsculo tirado em 100 exemplares numerados. Ninguém sabia da existência desse poema longo, que é uma maravilha”.

Com uma produção atual bastante profícua de mulheres e homens negros escrevendo ensaios e romances sobre a condição do povo negro no Brasil e o racismo estrutural que persiste no país, Alexei Bueno aponta o caráter profético e antecipatório de um repertório poético criado com séculos de antecedência. “Não creio que exista muita coisa de novo sob o sol, então, sem dúvida, há como encontrar, entre os poemas do livro, antevistas impressionantes, espantosas, sobretudo, naturalmente, entre os maiores poetas, já que o grande poeta é o ‘vate’, aquele que vaticina”, define Alexei Bueno.

Na obra, são encontrados poemas raros como ‘História de um escravo’, de Xavier da Silveira Júnior, que foi publicado em 1888, poucos meses antes da Lei Áurea, em um opúsculo tirado em apenas 100 exemplares numerados



Imagem: Record/Divulgação



Foto: Divulgação

Poeta e editor carioca Alexei Bueno (acima) pesquisou desde autores como Gregório de Matos a escritores contemporâneos ainda vivos, reunindo também vários textos crítico-ensaísticos

“**‘I-juca-pirama’, de Gonçalves Dias, que considero dos maiores poemas da poesia de língua portuguesa e que merece estar em qualquer antologia do romantismo universal, trata da escravidão entre os próprios indígenas**

Alexei Bueno

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Algumas considerações sobre tabus

Antigamente, uma das coisas que me desagradava na Semana Santa era que meus amigos não queriam jogar futebol. Havia consenso entre as crianças e os adolescentes do meu bairro que esse ato se tratava de um pecado, tal como falar palavrões ou comer carne de vaca. Mesmo que eu não estivesse persuadido disso, não tinha muito o que fazer. As pessoas respeitavam os tabus. Só me restava a resignação.

Assim como toda regra moral, o tabu impõe limites aos nossos comportamentos. Ele estabelece o que é certo e errado em determinadas áreas da vida humana, apelando para a tradição e para sentimentos fortemente arraigados. A grande força da observância do tabu reside em sua capacidade de mobilizar as nossas emoções.

O tabu do incesto é uma prova incontestes desse argumento. Sentimos repugnância apenas em pensar na sua violação. São as sociedades que definem culturalmente com quais pessoas podemos ter relações sexuais, retirando da lista alguns de nossos parentes. Os sociólogos se interessam de vários modos pelo assunto. Em primeiro lugar, a obediência a tabus podem revelar o grau de

unidade de uma sociedade, indicando como funcionam certos mecanismos de dominação, as relações de autoridade e obediência.

Geralmente não é fácil mudar um sistema de regras morais. Segundo a Bíblia, Jesus não concordava com o tabu do sábado e com o apedrejamento como pena para expiação dos pecados. Ele resistiu a essas leis judaicas e tentou mudá-las, mas não sem sofrer resistência.

Via de regra valorizamos a moralidade do nosso grupo e olhamos com desconfiança ou desprezo para a moralidade alheia. Achamos estranho os muçulmanos não comerem carne de porco, os homens andarem de mãos dadas na Arábia Saudita e os esquimós “cederem” suas esposas para visitantes. Muitos de nós, por outro lado, não gostam quando sabemos que alguns estrangeiros acham incomum os costumes brasileiros de cumprimentar pessoas com beijo, comer pizza com garfo e faca e escovar os dentes após cada refeição.

Lembro da tradição da malhação do Judas na Semana Santa, que ainda se mantém em certos lugares. Em algumas versões, as pessoas fazem um boneco de pano recheado de doces, que amarram no alto de um pos-

te no qual atiram pedra até derrubá-lo e começar, assim, uma corrida para ver quem pega primeiro as guloseimas que se espalham pelo chão. Num ato simbólico de vingança pela traição que o apóstolo fez a Jesus.

A vingança curiosamente é um ato que, de acordo também com os evangelhos, Jesus abominava. Ele mandou os seus seguidores darem a outra face quando agredidos. Em Lucas, capítulo 6 e versículo 29, lemos: “Ao que te bate numa face, oferecelhe também a outra; e, ao que tirar a tua capa, deixa-o levar também a túnica.” Há quem veja nisso um sinal de fraqueza, uma moralidade que estimularia a submissão.

Nietzsche dizia que a moral cristã era uma moral de escravos, enquanto Freud achava que amar o próximo como a si mesmo seria uma atitude antinatural. Já Bertrand Russell, que por outras razões era um não cristão convicto, acreditava que a ética do cristianismo tem como base emotiva a simpatia universal. De um modo mais simples, isso significaria que devemos nos sentir infelizes com o sofrimento dos outros. Essa simpatia não poderia se reduzir apenas aos nossos amigos, mas se estender a toda humanidade.

Klebber Maux Dias

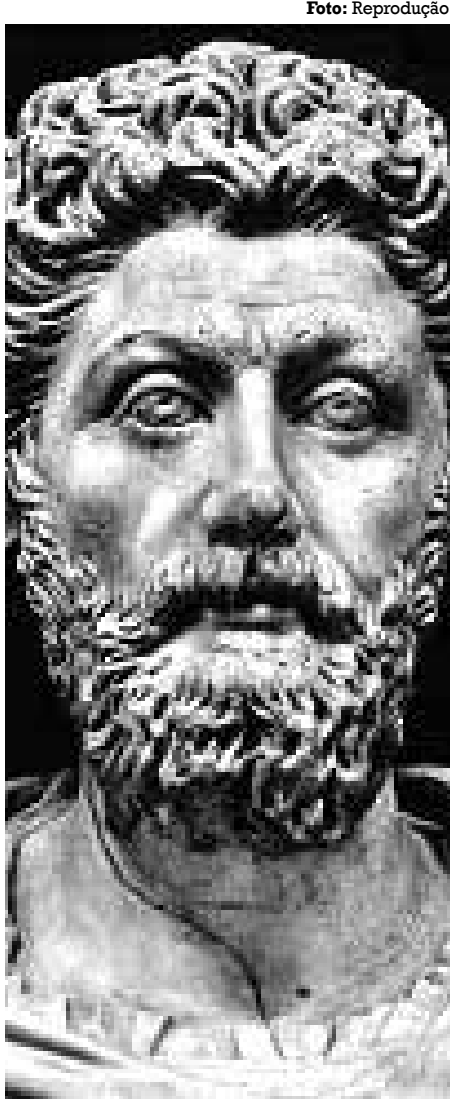
klebmaux@gmail.com | colaborador

Serenidade estoica

Existe um tempo perdido quando se tem a capacidade de mentir para si mesmo, geralmente é uma autodefesa para não revelar o que se tem de pior dentro de si. Entretanto, perdoar-se é uma forma de suportar-se para viver intensamente cada dia como se fosse o último e não temer o futuro, porque na brevidade da existência não se deve desperdiçar o cuidar de si. Esse desafio também está em valorizar o que se tem e deve-se priorizar uma simplicidade no que é útil para com o amor-próprio.

A serenidade é uma força que potencializa uma prudência necessária para enfrentar com calma os conflitos e as tragédias, porque o “destino” é uma realidade que se pode aceita-lo ou rejeitá-lo. Nesse contexto, a virtude da moderação contribui com uma forma de conviver com as próprias incertezas, por isso, o excesso nunca preenche um vazio existencial. Essa falta geralmente é suportada quando se mantém o necessário, por isso deve-se buscar harmonizar uma melhor qualidade de tempo para cuidar das próprias errâncias.

Nos dias atuais, diante do aumento da péssima saúde mental, as práticas de ódio não se fundamentam à legitimidade, porque “existe algo inato no ser humano” em preservar a própria sobrevivência numa socialização harmoniosa. Diante disso, encontra-se um desafio de acreditar que é possível alterar “algo” que não se altera, isso gera a infelicidade. Uma das possíveis decisões está em lidar “serenamente” com tudo que “não se pode controlar” diante dos próprios conflitos internos e externos. Nesse contexto, os estoicos, do período da Grécia Antiga, denominaram essa “calma” por “apatheia”, que significa um estado suportável de perturbações emocionais. Isso conduz o ser humano à “ataraxia”, que expressa tranquilidade da “alma”; e, também, à “eudaimonia”, isto é, deve-se construir as melhores condições de dignidade humana, e não apenas a felicidade. Foi a partir dessa percepção, presente no estoicismo, que se deu origem a expressão “amor fati”, que significa “amor



O imperador romano Marco Aurélio

aos fatos” ou amor a tudo que ocorre na vida de um indivíduo, seja o que se considera agradável ou prejudicial, porque tudo isso constitui o que ele é, por isso a “serenidade” para consigo mesmo é suportar-se nas próprias errâncias.

Sinta-se convidado à audição do 365º Domingo Sinfônico, deste dia 17, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. É um programa que apresento aos domingos. Faço uma análise musical, comento o contexto histórico da peça, a vida do compositor e suas influências e contribuições para a filosofia da arte e estética. Valorizo também os interpretes e regentes.

Nesta edição, vamos conhecer o pianista e regente italiano Cláudio Abbado (1933-2014), que buscava a espontaneidade com a Orquestra.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

O poder da Frigidaire

Outro dia vi uma geladeira amarela. Me pareceu uma Consul, mas logo vi que era a Frigidaire de mamãe, cujos primeiros refrigeradores elétricos chegaram ao Brasil importados na década de 1930.

Tem tanta gente fria por aí, gelida, que faz e acontece e não dá o braço a torcer. Eu sou do abraço. E tu?

Na verdade, hoje em dia, muitos eletrodomésticos são indispensáveis numa casa, mas a geladeira é campeã. Isso sem falar das luzes azuis dos eletrônicos.

E quando ela não existia? Ela, quem? Ah, o tempo dos potes, mas não é disso que a gente está falando. Lá em casa no Sertão tinha um pote, que só de chegar perto, a gente sentia um frio na barriga. Bênção, pai, bênção mãe.

Antes, quando me casei a gente colocava água para gelar naquelas garrafas de vinho cor lilás, o alemão Liebfraumilch, cuja luz refletia no interior da geladeira. Tergiversando, a gente saía de Jatobá para curtir uma luz negra, em Cajazeiras. Um dançar colado era bom demais.

Mas hoje já caducam os “gelaguas” e não tem quem agente ficar trocando aqueles garrafões. Agora, são filtros e tem água o ano inteiro. Ops! Pense numa coisa que falta na nossa casa – água, todo santo dia. Aliás, o lalau de hidrômetros deu uma sumida do pedaço. Deve estar do Róger – ladrão pequeno mofa lá.

Em certas casas, aliás, é deselegante abrir a geladeira na casa dos outros. Não faça isso. Tem gente cara de pau, abre a geladeira, descobre a ideologia do dono da casa ao fazer muitas perguntas etc.

E cedo para concluir essa história da minha amada Frigidaire, mas tem outra melhor. Um casal local, botou cadeado na geladeira, para a secretária não comer os queijos e guloseimas. Filho da puta. Não deu certo. Ele levou a geladeira para o quarto e comprou outra de segunda mão e botou na cozinha, só osso e pelancas para a produção de gororobas para alimentar os cães.

Se a relação de um casal está fria, imagine com uma geladeira dentro do quarto.

O que não pode faltar em sua geladeira? Uma super bonder, naquela gavetinha em cima do compartimento dos ovos.

O que não pode faltar numa geladeira? Chocolates, doces, iogurte, requeijão. Ou seja, muitas coisas, mas tem muitas geladeiras vazias em nosso país, sendo mostradas nos noticiários.

Como esquecer o inesquecível? Afinal, como já diria Sandy Leah, a mana do Júnior, “O que é imortal não morre no final”. Não ria, *please*. Ou seria o caso de mudar o estatuto da nossa Academia e todos saíam ganhando sobrevida para sempre? Ser imortal é legal?

Outro dia, abri a geladeira lá de casa e pensei que tinha visto uma garrafa de Amarula Cream, que tomávamos alegremente, fechando as saideiras da varanda.

Pronto, adoro os elefantes, são seres que fazem parte do espetáculo que é a natureza. Esses gigantes têm relação muito próxima com o Amarula Cream, uma vez que percorrem longos caminhos para chegarem até sua fruta favorita, a marula, ingrediente básico do licor da mamãe.

E o jenipapo? Chega de papo furado, Sr. K!

Kapetadas

1 - Falando na Frigidaire – “Fui ver o passado e não funciona” – disse um turista ao voltar do Brasil;

2 - A palavra vencimentos, nos dias de hoje, precisa de uma atualização. Devia ser perdimentos;

3 - Som na caixa: “E para matar a tristeza / Só mesa de bar / Quero tomar todas/Vou me embriagar” – Reginaldo Rossi.



Frigidaire Deluxe, um modelo fabricado no ano de 1965

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

O Cine Capitólio e a pré-estreia do filme ‘Parahyba’

Excelente notícia essa da revitalização do cinema Capitólio de Campina Grande, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba. Ela me traz algumas boas lembranças do amigo cineasta Machado Bitencourt, de saudosa memória. Do seu “Beco do Cinematógrafo”, na cidade de campinense, também de nossas sagas filmando em películas 16mm; com o tempo, gravando em suportes analógicos U-Matic, VHS e Betamax.

Os tempos eram de 1985. Ano das celebrações do Quarto Centenário da Paraíba. Nós, que já estávamos no Governo do Estado e fazíamos o Grupo José Honório Rodrigues, sob o comando do historiador José Octávio de Arruda Mello, ficamos responsáveis pela elaboração de um projeto cinematográfico, que fosse não apenas um “é... vento!”. Mas que celebrasse de fato os 400 anos da Paraíba. Um filme representativo e que pudesse ser exibido inclusive em algumas escolas e cidades do interior, dentro de um planejamento cultural.

Sob essa ótica, a Comissão do Quarto Centenário optou então por uma programação não simplesmente de eventos, como apresentações musicais, teatrais, exposições de artes, mas por dois segmentos que iriam ficar como registro sensível na memória do *Quarto Centenário – a Literatura e o Cinema*.

No primeiro caso, a publicação de livros foi a que mais prevaleceu, tendo melhor performance na programação,



Cine Capitólio de Campina Grande, de ontem (E) e de hoje (D): uma metamorfose

dada a afinidade do coordenador geral da comissão e historiador Zé Octávio. No caso do cinema, enfim, fomos buscar a História da Paraíba, retratando-a em documentário de 35mm, em cores, ilustrando ainda mais as celebrações quatrocentonas. Resgatamos nuances da conquista, inclusive dos embates entre os nativos e colonizadores. E foi justamente com o documentário *Parahyba* (1985), nacionalmente premiado em três festivais de cinema fora do estado, que entra o caso do Cine Capitólio.

Antes mesmo de buscarmos o Festival de Brasília, em dezembro daquele ano, fizemos uma noite de pré-estreia do *Parahyba* no tradicional Capitólio de Campina Grande. Foi um acontecimento diferenciado, dada a influência do próprio Bitencourt no meio acadêmico, também, de sua amizade com figuras dos mundos

cultural e político campinenses presentes à sessão do filme, que no final foi amplamente aplaudido.

Uma das personalidades locais que fez questão de nos parabenizar foi o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, seção da Paraíba, Antonio Vital do Rego, que acabara de assumir a entidade naquele ano. E com quem, no ano seguinte mantive contatos, na OAB, ao buscar o registro advocatício da esposa Lili, posteriormente, da minha própria carteira de advogado.

Assim, por toda a história que sempre representou o cinema Capitólio de Campina Grande, também, a de campinenses que o fizeram, a revitalização ao uso do prédio (ainda não ficou claro se será para cinema, propriamente), com o aval do Iphaep, é algo a ser realmente celebrado por todos. – Mais “Coisas de Cinema”, acesso nosso blog: www.alex santos.com.br.



APC reúne-se no virtual e presencial

Academia Paraibana de Cinema, conforme calendário previsto para este ano, realizou na quarta-feira passada (virtual e presencialmente) mais uma reunião de sua diretoria. Na ocasião foram discutidas questões relacionadas à administração, bem como, as ações ainda previstas pela APC para 2022.

Já a atriz Zezita Matos, titular da Academia Paraibana de Cinema, está presente na encenação da Paixão de Cristo, na condição de narradora, neste final de semana, em João Pessoa. E na terça-feira passada ela participou de uma *live* sobre sua atuação no filme *Menino de Engenho*, de Walter Lima Jr., baseado na obra homônima de Zé Lins do Rego, que completa 90 anos.

Em cartaz

ESTREIA

ANIMAIS FANTÁSTICOS: OS SEGREDOS DE DUMBLEDORE (Fantastic Beasts: The Secrets Of Dumbledore. Reino Unido, EUA. Dir: David Yates. Fantasia. 12 anos). O professor Alvo Dumbledore (Jude Law) sabe que o mago das trevas Gellert Grindelwald (Mads Mikkelsen) está se movimentando para assumir o controle do mundo mágico. Incapaz de detê-lo sozinho, ele pede a Newt Scamander (Eddie Redmayne) para liderar uma equipe de bruxos e um corajoso padeiro trouxa em uma missão perigosa. CENTERPLEX MAG 3: 18h30 (dub.) - 21h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (leg.): 19h (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 14h - 17h; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 15h15 - 18h15 - 21h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 14h15 - 17h15 - 20h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 13h - 16h - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (leg.): 21h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h30 - 17h30 - 20h30; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 20h30; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 14h40 - 17h20 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h40 - 17h20 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 20h30.

CIDADE PERDIDA (The Lost City. EUA. Dir: Aaron e Adam Nee. Comédia. 14 anos). A brilhante, porém reclusa autora Loretta Sage (Sandra Bullock) escreve sobre lugares exóticos em seus romances populares de aventura, cujas capas são estreladas pelo modelo Alan (Channing Tatum). Durante a turnê de promoção de seu novo livro com Alan, Loretta é raptada por um bilionário excêntrico (Daniel Radcliffe), para que ela o guie ao tesouro da cidade perdida descrita em seu livro recente. Para provar que é pos-

sível ser um herói na vida real, Alan parte para resgatá-la. CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 21h30 (sáb.).

DETETIVES DO PRÉDIO AZUL 3 (Brasil. Dir: Mauro Lima. Comédia. Livre). Pippo (Pedro Henriques Motta), Bento (Anderson Lima) e Sol (Leticia Braga) se vêem em apuros quando Severino (Ronaldo Reis) encontra uma relíquia que era, na verdade, uma das facas do Medalhão de Uzur, responsável por controlar toda a magia existente no mundo. Assim que coloca o artefato no pescoço, o porteiro tão querido por todos começa a se transformar em uma figura maligna. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 12h30 (sex., sáb. e dom.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 13h30 (sex., sáb. e dom.); CINE SERCLA TAMBIA 2: 15h - 17h; CINE SERCLA PARTAGE 4: 15h - 17h.

MEDIDA PROVISÓRIA (Brasil. Dir: Lázaro Ramos. Drama. 14 anos). Em um futuro próximo distópico no Brasil, um governo autoritário ordena que todos os cidadãos afrodescendentes se mudem para a África - criando caos, protestos e um movimento de resistência clandestino que inspira a nação. CINE SERCLA TAMBIA 2: 19h - 21h; CINE SERCLA PARTAGE 4: 19h - 21h.

CONTINUAÇÃO

BATMAN (The Batman. EUA. Dir: Matt Reeves. Aventura. 14 anos). Dois anos vigiando as ruas como o Batman (Robert Pattinson), acabou levando Bruce Wayne às sombras da cidade de Gotham. Quando um assassino tem como alvo a elite de Gotham, uma trilha de pistas enigmáticas coloca o Maior Detetive do Mundo em uma investigação sobre o submundo. CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (leg.): 21h30 (exceto sáb.).

MORBIUS (EUA. Dir: Daniel Espinosa. Fantasia. 14 anos). Gravemente adoecido com um raro distúrbio sanguíneo e determinado a salvar outros que sofrem do mesmo destino, o Dr. Morbius (Jared Leto) arrisca tudo numa aposta desesperada. Embora a princípio tudo pareça um sucesso absoluto, surge uma escuridão que se desenha dentro dele. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 14h45 (leg.) - 17h10 (dub., exceto qua.) - 19h30 (leg., exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 16h15 (exceto seg.) - 18h40 (exceto seg.) - 21h (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 14h30 - 16h35 - 18h40 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 14h30 - 16h35 - 18h40 - 20h45.

SONIC 2 (EUA. Dir: Jeff Fowler. Comédia. Livre). Após conseguir se estabelecer em Green Hills, Sonic está pronto para mais liberdade e quer provar que tem o necessário para ser um herói de verdade. Seu teste virá quando Tom e Maddie concordam em deixá-lo em casa enquanto saem de férias, o que coincide com o retorno do Dr. Robotnik, dessa vez com um novo parceiro, Knuckles, à procura de uma esmeralda com o poder de destruir civilizações. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 15h - 17h45 - 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 13h - 15h45 - 18h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 13h30 - 16h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (dub.): 13h45 - 16h30 - 19h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h (exceto seg. e ter.) - 16h45 (exceto seg. e ter.) - 19h30 (exceto seg. e ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 13h10 - 15h45; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 14h20 - 16h40; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 15h35 - 17h55 - 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h35 - 17h55 - 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 14h20 - 16h40.

Letra
Lúdica
Hildeberto
Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Leituras críticas

A literatura produzida no Rio Grande do Norte possui fortuna crítica considerável. A poesia, a ficção, o ensaio, a crônica, as memórias, o teatro e outros gêneros artísticos vêm, ao longo dos anos, constituindo aquilo que os epistemólogos chamam de objeto formal de estudo.

Volumes de referência, a exemplo dos dicionários e das antologias, assim como histórias literárias, estudos críticos e analíticos de períodos, vertentes estéticas, obra e autores, têm procurado, a partir de suas metodologias específicas, investigar as características de seu processo evolutivo dentro do quadro mais amplo da literatura brasileira.

Câmara Cascudo, Ezequiel Wanderley, Veríssimo de Melo, Rômulo C. Wanderley, Manoel Onofre Jr. Moacy Cirne, Tarcísio Gurgel, Anchieta Fernandes, Humberto Hermenegildo de Araújo, Assis Brasil, Constância Lima Duarte, Diva Cunha, Nelson Patriota, Alexandre Alves e Thiago Gonzaga, entre outros, colaboraram e colaboram com seu olhar crítico, reflexivo, e com o espírito ordenador que pressupõe a conduta intelectual diante do fenômeno cultural.

A casa das letras: vol. I (Natal: Offset Editora, 2021), de Thiago Gonzaga, insere-se perfeitamente dentro desta tradição, numa vertente, parece, inaugurada por Veríssimo de Melo, com seu *Patronos e Acadêmicos: Academia Norte-Rio-Grandense de Letras* (Antologia e Biografia), de 1972.

Já na *Nota Introdutória*, o autor ressalta a importância da instituição fundada em 1936 por Câmara Cascudo, Henrique Castriciano, Aderbal de França e Palmyra Wanderley, entre outros intelectuais, considerando o peso de sua tradição cultural que, segundo seu entendimento, deve ser preservada e valorizada.

“Este trabalho”, assinala, “reúne artigos, publicados em jornais, sobre alguns membros da ANRL, que são literatos. Acreditamos que, dando uma pequena prova, um panorama literário atual da Instituição, permitindo, assim, uma amostragem que aceitará a tentativa de montagem de um painel crítico dos valores da casa.” Sem dúvida.

Trazendo à tona marcas e incidências estilísticas e temáticas dos escritores abordados, aspectos biobibliográficos e contextualização histórica, esforços como este contribui para o enriquecimento das fontes literárias da região potiguar, ao mesmo tempo em que tende a ampliar a visibilidade dos autores e das obras, sobretudo no sentido de facilitar o contato de suas respectivas mensagens com as novas gerações.

Vicente Serejo, Humberto Hermenegildo de Araújo, Jarbas Martins, Diógenes da Cunha Lima, Daladier Pessoa Cunha Lima, Nelson Patriota, Manoel Onofre Jr., Clauder Arcanjo, Lívio Oliveira, Dácio Galvão, Ivan Lira de Carvalho, Marcelo Alves Dias de Souza e Diva Cunha são os acadêmicos selecionados para este primeiro volume de *A casa das Letras*.

A crônica, a poesia, a crítica literária, a vanguarda e o direito são desafios que o ensaísta enfrenta no recorte exegetico que dedica a cada um dos escritores e dos poetas focalizados, sinalizando, talvez, para o fato de que instituições de perfil conservador, como as academias de letras, não são necessariamente uniformes nem homogêneas, consideradas sobretudo as práticas individuais no manejo da palavra.

A bem da verdade, e para contradizer o senso comum, as academias são entidades contraditórias e rasuradas, entidades complexas que aglutinam diferenças individuais, de ordem ideológica, estética, política e econômica. E aqui, parece, reside o melhor de seu conteúdo e de seu sentido.

Enfim, o que importa em trabalhos desta natureza, para alguém ou além do viés crítico utilizado, é, por um lado, seu objetivo documental, e, por outro, suas implicações organizacionais.

Se existem os que escrevem no âmbito da criatividade estética, a exemplo dos poetas e dos ficcionistas; se existem os que escrevem para pensar original e livremente, como os ensaístas; se existem os que sabem fazer da prosa poesia, tal os cronistas, existem também os que escrevem para organizar essa produção, dar-lhe certa ordem, captar, na sua dispersão natural, aquilo que é essencial e duradouro.

Isto, o escritor e pesquisador Thiago Gonzaga vem fazendo como poucos, sem perder o foco da tradição a que pertence, cuja referência principal começa com Câmara Cascudo e sua obra de crítica literária, *Alma patricia*, de 1921.

Colunista colaborador



O espaço Red Beach, localizado na orla do Cabo Branco, será palco para a festa do meu aniversário. Confira alguns detalhes desse meu evento: a jornalista Ceres Leão será a cerimonialista; teremos o belo e saboroso bolo de Maria Helena Moura; covers de Waldick Soriano, Cláudia Barroso e Perla vão animar a festa; haverá sorteio de hospedagens na Aruanã Pousada, no Conde, e no Hotel Marante, em Recife, além de brindes da Calzature, entre outros. Marletti Assis (foto) confirmou presença.



Por conta de férias do chefe do executivo paraibano, João Azevêdo, o presidente do Tribunal de Justiça da Paraíba, desembargador Saulo Benevides, assumiu, até o dia 24 deste mês, o cargo de governador.



O escritor Rui Leitão (na foto, com a sua querida filha Vanessa Domiciano) foi o vencedor na disputa pela Cadeira de número 28, que aconteceu na semana passada, na Academia Paraibana de Letras.



As amigas Carla Bezerra, Evelyn César, Marluce Almeida, Dalvinha Saeger, Luzenira Sobreira e Betinha Gomes já confirmaram presença na festa do meu aniversário, no próximo dia 20 de abril. Detalhe: todo o evento terá cobertura especial desta minha coluna.



Maristela Nóbrega, Edgley Bezerra, Michelle Sousa, Aninha Lustosa, Ildenir Palitot, Ana Maria Gondim, Ednamay Cirilo, Naldo Barbosa, Lolita Ribeiro Coutinho, são os aniversariantes da semana.



A querida Divany Brasil (na foto, com a filha Patrícia) vai festejar aniversário com espetacular festa na Sonho Doce Recepções. Claro que estarei lá.

A Paixão de Cristo, que voltou a ser encenada em nossa Capital, terá sua última apresentação neste domingo (17). O espetáculo 'O Drama da Vida e Morte de Jesus Cristo' está sendo narrado pelos atores Zezita Matos (foto) e Paulo Vieira.



Evelyn César e parte de sua bela família recepcionaram amigas para festejar seu aniversário. O local? A encantadora Le Trufel, em Tambaú.



Um grupo de jornalistas, liderado pelo pernambucano Luiz Felipe Moura (na foto entre amigos queridos), participou de Fampres a Recife (hotel Marante e passeio de catamarã nos rios Capibaribe e Beberibe), Olinda (Hotel Costeiro), Fazenda Nova e Porto de Galinhas (Enotel).



Almira Mendes, que está sempre festejando a vida, reuniu amigas em sua bela e espetacular cobertura e festejou a Páscoa. Na ocasião, arrecadou latas de leite em pó, objetivando a realização de uma ação de filantropia.

IMOBILIÁRIA

PARAÍBA
PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br
☎ +55 83 99302-7071

Contabilize

Consultoria e Assessoria Contábil

**LIVRE-SE DAS
DORES NA COLUMNA
SEM CIRURGIA**

FONE: (83)
☎ 3204-0423
☎ 98708-8189

**DOCTOR
HERNIA**

LEGALIZAR OU NÃO

Declaração de Lula sobre aborto provoca polêmica

Assunto volta a ser pauta entre políticos e pré-candidatos na Paraíba

Pettronio Torres
pettroniortorres@yahoo.com.br

As eleições presidenciais estão se aproximando e com elas vários debates com temas polêmicos deverão ser travados. Entre eles, certamente, estará a questão do aborto e sua possível legalização, ou não. O tema foi reaceso e causou muita discussão, por parte de alguns agentes envolvidos nas disputas, por causa das declarações do presidencializável Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Ele afirmou que todos deveriam ter direito ao aborto no Brasil, mas que é contra o procedimento. Pronto, foi o suficiente para o tema voltar a ser lembrado em ano eleitoral, com candidatos e candidatas a cargos eletivos contra e a favor do procedimento. A União foi ouvir parlamentares, pré-candidatos e demais políticos e suas respectivas opiniões sobre o tema, que permeará, em dado momento, o processo eleitoral para a disputa da Presidência da República.

Para o pré-candidato a deputado federal, Tarcio Teixeira (PSOL), ele dis-



se ter entendido a fala do presidencializável Lula sobre o aborto de outra forma. “Lula falou que o aborto deve ser tratado como uma questão de saúde pública, pois o abordo é uma realidade, as famílias ricas vão para as clínicas de alta qualidade, as mulheres pobres morrem. Tem muita hipocrisia nesse debate”, completou Teixeira.

Para o pré-candidato do PSOL, a regulamentação do aborto no Uruguai, por exemplo, fez a quantidade

do procedimento despencar e as mulheres deixaram de morrer por essa causa. “Entendo que essa é a medida a ser tomada, o aborto deve ser regulamentado e a escolha deve ser da mulher, não do Estado ou das religiões. Nisso eu concordo com o presidente Lula, a decisão deve ser da mulher”, explicou.

Tarcio ressaltou ainda, que nos países onde o aborto foi regulamentado as mulheres deixaram de morrer por essa causa. “E a quanti-

dade de abortos caiu, logo, quem defende a proibição é quem contribui com as mortes das mulheres e ampliação do aborto. Essa é a realidade”, ponderou o pré-candidato.

Tarcio disse ter projeto para regulamentação. “Sem dúvidas, dialogarei e construirei essa movimentação no Congresso Nacional com o Setorial de Mulheres do PSOL e o Movimento de Mulheres na busca para conquistar essa regulamentação”, completou.

Saúde pública e defesa do direito da mulher

Ainda sobre as declarações do pré-candidato à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em entrevista a uma emissora de rádio cearense, foi mais explícito no que quis dizer quando afirmou que todos deveriam ter direito ao aborto no Brasil.

“A única coisa que eu deixei de falar, na fala que eu disse, é que eu sou contra o aborto. Eu tenho cinco filhos, oito netos e uma bisneta. Eu sou contra o aborto. O que eu disse é que é preciso

transformar essa questão do aborto numa questão de saúde pública”, disse o petista.

Lula alertou, na mesma entrevista, que o seu discurso é pela defesa do tratamento da mulher, em rede pública hospitalar, que foi vítima das complicações de tal procedimento. É só isso.

“Qual é o crime? Mesmo eu sendo contra o aborto, ele existe, e existe de forma diferenciada. Quando ele se dá numa pessoa que tem um poder aquisitivo bom, essa pessoa procura uma clínica

boa, quem sabe viaja para o exterior e vai cuidar de se tratar. E a pessoa pobre? Como é que ela faz?”, questionou o presidencializável.

Já a vereadora de João Pessoa e pré-candidata a deputada federal, Fabíola Rezende (PSB) é contra qualquer tipo de procedimento de legalização de aborto e vai na mesma linha do presidencializável Lula, quando fala que o tema é uma questão de saúde pública.

“Não só porque sou

evangélica. Sou acima de tudo humanista e sou contra qualquer ação ou atitude que atente contra a vida. A vida é sagrada e sempre tem que ser preservada e respeitada. Por outro lado, este tema é importante e precisa, sim, ser debatido, pois é uma questão de saúde pública e afeta a vida de milhares de brasileiras, principalmente as mais pobres e sem acesso à informação e ao amparo social e médico”, explicou a parlamentar pessoense.

Pré-candidata critica regulamentações

Recentemente, durante uma sessão na Câmara Municipal de João Pessoa, a vereadora e pré-candidata a deputada federal Eliza Virgínia (Progressistas) condenou a decisão de descriminalização do aborto até a 24ª semana de gestação, em decisão recente tomada na Colômbia. A parlamentar também criticou duramente o movimento feminista por defender a interrupção de gravidez.

“O que aconteceu na Colômbia é um grande mal feito para o mundo e para as crianças, que serão assassinadas. O país, infelizmente, descriminalizou o aborto até a 24ª semana de gestação. São seis meses de um bebezinho que está nascendo ali dentro, que já está completamente formado”, lamentou a vereadora.

Eliza Virgínia citou outros cinco países da América Latina onde “as mulhe-



Eliza Virgínia já se posicionou contra o aborto na Câmara

res têm direito de matar, sem motivo”: Ela se referiu ao Uruguai, Guiana, Cuba, Argentina e México, onde há regulamentações específicas da legalização do aborto.

“Aqui na América Latina o aborto já está sendo permitido em seis países. E o Brasil, como fica? No STF já caminha uma ação

impetrada, se eu não me engano, pelo PSOL, para que as mulheres possam ter o direito de matar seus filhos até a 12ª semana de gestação, sem motivo algum. Que Deus abençoe o Brasil para que a gente não venha a ter mãos sujas de sangue, assinando uma legislação que venha a tutelar o assassinato de bebês”,

Fábio Mozart

mozartpe@gmail.com

Um salve aos que plantam livros “à mão cheia”

Você sabe que numa guerra, há várias frentes de batalha. É preciso ter uma tática para cada uma delas. Na guerra contra a estupidez humana, você tem a música, a leitura e o bom cinema. Há forte declínio de leitura de bons livros por parte da juventude, em razão também do uso elevado do leque de mídias eletrônicas pela moçada. Hoje, garoto de 9 anos não larga seu tablet, o que se deduz que em meio século o livro desaparecerá como modalidade de lazer. Lutando contra a desleitura, venho tentando promover encontros de estudantes com os livros em nossa biblioteca comunitária colaborativa, o projeto Biblioteca Viva, a muito custo mantida pela Sociedade Cultural Poeta Zé da Luz e Academia de Cordel do Vale do Paraíba.

Na cidade de Mari, montei a barraca de troca de livros na velha estação ferroviária onde encerrei minha vida profissional e hoje abriga a rádio comunitária Araçá. A própria emissora popular divulga o projeto e convoca as pessoas a visitarem o ponto de leitura e troca de livros. O professor e radialista João Anderson é um dos entusiastas desta ação de incentivo à leitura, ele mesmo doador de livros. “Juntei meus livros já lidos e troquei por outros na Biblioteca Viva, e faço questão de espalhar a ideia nas minhas redes sociais porque ler é muito importante para o desenvolvimento das pessoas”, disse ele. Outra doadora, Ana Almeida, também escolheu exemplares do seu acervo para a estante do projeto, assim como Fábio Cruz, diretor de Cultura da cidade. Muita gente botando seus livros usados ao alcance de qualquer pessoa, no ponto de trocas do projeto.

O coordenador do projeto em Mari é o também radialista Ricardo Alves, sócio correspondente da Sociedade Cultural Poeta Zé da Luz, entidade que foi primordial na batalha pela concessão do prédio histórico da estação ferroviária para sediar a rádio Araçá. Sobre este assunto, estou redigindo um folheto para exaltar os maravilhosos seres humanos que me ajudaram a fundar a rádio, o grupo teatral, a associação de bairro e o time de futebol, nos doze anos em que interagi com as mais diversas classes sociais da antiga vila de Araçá. Esse projeto Biblioteca Viva é uma iniciativa nossa para despertar o gosto pela leitura, valorizando a literatura em suas diferentes formas de expressão e promovendo a cidadania. Já montei tendas de troca de livros em João Pessoa, Bananeiras, Solânea e agora Mari.

No tempo da ditadura, que Deus a tenha e o Diabo a carregue, eu lia livros escondido, com medo dos castigos militares. Na minha Itabaiana, um professor foi condenado por suspeita de subversão, tendo como prova o livro “Eu sou uma lésbica”, de Cassandra Rios. A obra foi considerada subversiva, indecorosa e uma afronta às famílias brasileiras. Ou seja: livro era uma espécie de droga proibida e fazia muito sucesso. O próprio ato de ensinar a ler virava subversão, em um país onde 40% da população era analfabeta de pai, mãe e cocô de galinha.

Em Mari, os escritores locais, que os há em todo canto, já exibem orgulhosamente seus livros na estante da Biblioteca Viva. Autor de dois livros de poesia, o professor Edmilson Trindade foi o primeiro a disponibilizar sua produção para troca. Outro professor passou por lá e teve a ideia de incentivar seus alunos a lerem os livros expostos. Foi logo estabelecendo regras: cada aluno leitor deveria fazer um trabalho, analisando a obra. Pense numa postura contraproducente! Obrigiar criança do ensino médio a ler e provar que leu é ótimo recurso para causar repulsa ao livro. Se essa galera souber que sou o responsável pela Biblioteca Viva, capaz de me elegerem o maior sacal do ano letivo, junto com o professor. Livro é igual amor: não se impõe, se desperta.

Na mesa de trocas aparecem os livros mais esquisitos. Alguém deixa um opúsculo das Testemunhas de Jeová e leva “O ceticismo da fé; Deus: uma dúvida, uma certeza, uma distorção”, de Rodrigo Silva. Outro cliente cretino leva um exemplar de “O anjo torto”, Gilvan de Brito, e larga uma agenda usada de 2018 na mesa de permutação. O livro mais procurado e nunca encontrado, no entanto, é “Democracia no ar”, história da própria rádio comunitária Araçá que escrevi em 2000 e só se encontra nos sebos. Até hoje as pessoas de Mari rastreiam esse livreto. Nessa publicação eu não me preocupei em fazer literatura. O objetivo primário da obra é relatar a nossa jornada pela construção da rádio popular da cidade. Muitas monografias foram produzidas por estudantes marienses, a partir desse livro. Uma delas é assinada por Maria de Lurdes Fernandes da Silva, em 2016, com o título de “A rádio comunitária Araçá de Mari”. O trabalho remete à década de 1970, quando, “em meio às amarras da ditadura militar, Fábio Mozart entrou em longo romance com as amplas possibilidades ideológicas relacionadas às ondas do rádio, o que os ativistas das rádios livres chamam de reforma agrária no ar”. Confesso que, no mínimo dos mínimos, me vejo honrado com esse reconhecimento por parte das novas gerações marienses em relação às nossas lutas comuns. O povo de Mari tem orgulho de sua rádio até hoje.

Selic	Sálário mínimo	Dólar \$ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina
Fixado em 8 de dezembro de 2021	R\$ 1.212	0,72% R\$ 4,722	0,059% R\$ 5,107	1,17% R\$ 6,168



ESTRATÉGIA PARA ECONOMIZAR

Preços de gasolina e carros mudam plano de consumo

Paraibano adia compra, aluga veículos e adere às caronas compartilhadas

Carol Cassoli
Especial para A União

Com o preço da gasolina oscilando entre R\$ 6,97 a R\$ 7,19, em João Pessoa, abastecer um veículo segue comprometendo muito a renda do trabalhador. Além de adiarem planos de compra de um carro novo, os paraibanos estão aderindo a outras opções de transporte para continuarem se deslocando pela cidade com conforto, mas sem prejudicar ainda mais o bolso.

Foi o que motivou a analista de marketing, Raquel Freitas, a utilizar o sistema de caronas compartilhadas. Para ela, agendar as caronas é simples, basta registrar o interesse em viajar (com data e horário pré-definidos) em um aplicativo voltado à prestação deste tipo de serviço e escolher dentre os motoristas disponíveis aquele que faz a melhor rota.

Em alguns casos, é necessário aguardar a aprovação da viagem pelos motoristas, mas isso não é um problema para a analista de marketing, já que esta conduta aumenta a segurança das viagens. “Como tudo está caro, este tipo de transporte é muito vantajoso. Além disso, economizo tempo e di-

nheiro. Ônibus é mais caro e demora muito. Neste outro tipo de transporte fico no lugar desejado na maioria das vezes”, explica.

Líder mundial do segmento de viagens compartilhadas, a plataforma de viagens de longa distância BlaBlaCar, viabiliza uma economia de até 75% tanto para os passageiros quanto para os condutores registrados no sistema. Em 2020, com a chegada da pandemia, a plataforma enfrentou seus piores momentos e teve que resistir à crise que se abateu sobre quase todos os setores da economia brasileira. Conforme informações compartilhadas pela empresa, “a BlaBlaCar se manteve resiliente durante o ano de 2020” e teve aumento de ligeiros 6% no número de assentos oferecidos versus 2019.

No ano passado, no entanto, a recuperação do mercado de caronas contribuiu para que a empresa encerrasse 2021 com 14,2 milhões de assentos oferecidos (dois milhões que os dados levantados em 2019), seis milhões de passageiros (aumento de 600 mil se comparado a 2019) e 2,4 milhões de novos usuários (mesmo crescimento de 2020).

Em nota, a empresa informou que “uma das principais metas em 2022 é se-

guir ampliando o *marketplace* de venda de passagens rodoviárias. A previsão é encerrar o ano com 300 empresas parceiras, proporcionando ainda mais conveniência e economia para a comunidade de 10 milhões de brasileiros que utilizam a plataforma (no mundo, são mais de 100 milhões de usuários)”.

O professor de matemática Guilherme Nascimento é usuário da plataforma e explica que as caronas compartilhadas são, neste momento do país, uma ótima opção para pessoas que não possuem carro, mas têm uma rotina com horários instáveis que não torna possível viajar de ônibus com frequência. “Nas viagens compartilhadas, pagamos parte do combustível que é usado durante nosso deslocamento. Quando colocamos na ponta do lápis, este valor é bem menor que o que seria pago se estivéssemos sozinhos na viagem. É bem pouco se tivermos em vista que, na carona, cinco pessoas dividem a conta”, relata Guilherme ao explicar que em uma viagem de João Pessoa a Natal, por exemplo, a média de gastos é de R\$ 120 para o motorista. Porém, se este valor for dividido em cinco, os gastos cai para R\$ 24 por pessoa.



Foto: Pixabay

Brasileiro que não abre mão de dirigir tem trocado a compra do carro novo pelo aluguel de veículos

Sonho do automóvel novo é adiado

Mas não é só abastecer o veículo que ficou mais caro, comprar um carro novo também deixou de ser opção para muitos consumidores neste momento. Só em março deste ano, a queda nas vendas chegou a 23,82%, segundo a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve), e isso favoreceu um segmento já existente, mas que passou a crescer nos últimos meses: o de aluguel de veículos.

De acordo com dados do Ministério da Economia, em 2021, o setor cresceu 33,5% aqui no Brasil. Na rede de locadoras Localiza, em 2021, o número de diárias da divisão de ‘aluguel de carros’ aumentou 6,6% em relação ao ano anterior, totalizando 53.757 aluguéis em todo o país. Já a taxa de utilização (referente à frota operacional alugada) cresceu 6,3%, chegando a 79,8%.

Segundo o diretor de vendas da rede, Paulo Henrique Pires, a pandemia de Covid-19 estimulou a população a buscar pelo turismo doméstico, o que impulsionou o desenvolvimento do setor. Neste cenário, o aluguel de carros se tornou uma alternativa completa para os turistas, que, conforme afirma Paulo, fizeram viagens inteiras com um carro confortável e que atendia às suas

necessidades ou utilizaram essa modalidade de forma complementar, pegando um avião até determinado destino e depois um veículo para ter mais liberdade para se aventurar com segurança.

Embora este tenha sido um contexto inicial, o setor já entende que a procura por aluguéis de carros é uma tendência entre os brasileiros. Uma pesquisa produzida pela Localiza apontou que o carro alugado é opção primordial para lazer entre os brasileiros, já que é a escolha de 48% dos entrevistados.

“Em 2022, acreditamos que as pessoas seguirão preferindo o uso em detrimento da posse e o carro se manterá como um grande parceiro dos turistas. A locação de veículos, portanto, será ainda uma alternativa de potencialização dessa experiência de mobilidade, suportada por um investimento cada vez maior em tecnologia e ciência de dados direcionados para qualificar a jornada dos viajantes”, afirma o diretor de vendas da Localiza.

Consórcios

Para quem ainda não desistiu de adquirir um veículo, a opção mais viável foi recorrer aos consórcios. Com base nos primeiros resultados obtidos este

ano pela Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios (Abac), as perspectivas de negócios apontam para a repetição do ritmo observado pelo setor em 2021. Isto porque, no ano passado, o setor bateu recorde de vendas de cotas. Ao longo do ano, cerca de 3,5 milhões de adesões foram registradas e, seguindo este ritmo, participantes ativos e volumes de créditos contratados também alcançaram valores históricos.

Segundo Paulo Roberto Rossi, presidente executivo da Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios (Abac), a expectativa se mantém mesmo sendo um ano eleitoral e com possíveis dificuldades econômicas, como inflação crescente, taxa de juros ascendente, escassez de insumos, pequena reação na redução do desemprego e, consequentemente, menos pessoas consumindo; além da influência das oscilações do dólar, que pressionam diretamente os preços finais de energia, combustíveis e, por decorrência, os alimentos.

“Esperamos que a ampliação de consumidores conscientes da essência da educação financeira, siga analisando, comparando e planejando seu futuro, considerando o consórcio como alternativa inteligente”, projeta Rossi.

Economia em Desenvolvimento

Joao Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

Desafios para as grandes cidades

Quando cheguei em João Pessoa, em 1981, eu tinha em mente diversos desafios e uma certeza apenas: a de que minha chegada em terras paraibanas era definitiva. Eu tinha vários motivos para acreditar que a minha decisão era certa e sem volta. Aqui estou completando 41 anos morando no estado que meu pai nasceu. E os desafios que eu tinha em mente foram todos tratados no seu tempo, na hora e da forma certa. Morando aqui, pude me deslocar por esse Brasil afora e para diversos países, com a certeza de que meu porto seguro estava aqui, me esperando.

Fiz muitos amigos aqui, aprendi com todos eles. Alguns me serviram de espelho e absorvi seus valores. Mas, naquela época, você conhecer um grupo de cinquenta pessoas em diversos ambientes diferentes, dava a você a sensação de estar conhecendo a população da cidade toda. Hoje isso é impossível. João Pessoa cresceu muito nesses quase cinquenta anos que aqui moro.

Só para ter uma ideia, nossa capital cresceu a sua população de 1970 a 2020 mais de 254%. Um avanço que saiu dos 228 mil habitantes para mais de 800 mil pessoas. São dados do IBGE. Em 2022 a estimativa é de que estamos chegando a 830 mil residentes espalhados nos 64 bairros ou distritos. Como esse crescimento é exponencial, imaginamos que em mais quatro anos poderemos atingir o primeiro milhão de habitantes.

Ainda em Recife, trabalhando no extinto Banco Nacional da Habitação (BNH), vi João Pessoa ganhar os seus primeiros conjuntos habitacionais de grande porte: Mangabeira I (3.238 UH) e Mangabeira II (3.020 UH) construídos em terreno pertencente à fazenda que deu origem ao nome Mangabeira e vizinho a eles, o Valentina Figueiredo (4.401 UH). Esses empreendimentos com quase 11 mil habitações populares, sendo entregues quase que simultaneamente, fez daquela região uma cidade dentro de outra maior.

As obras foram iniciadas em 1980 e quando aqui cheguei em meados de 1981, elas estavam em plena execução e ansiosamente aguardadas por milhares de familiares que estavam inscritos na Cehap, Companhia de Habitação Popular do Estado. Eram os primeiros passos do crescimento da cidade em direção ao litoral sul. Há quem diga em tom de exagero que, a continuar nesse ritmo, logo mais João Pessoa emendará com Recife/Olinda. Claro, um tremendo exagero. E curiosamente, a Região Metropolitana do Recife cresceu muito, mais também no sentido Sul, em direção ao estado de Alagoas.

Nossa cidade hoje tem, entre as 27 capitais, a nona maior concentração populacional do Brasil, com cerca 3.800 habitantes por metro quadrado. É a quinta do Nordeste nesse quesito, o que indica que as outras quatro capitais (Fortaleza, Recife, Natal e Salvador) também estão entre as 10 maiores concentrações urbanas (entre as capitais) no Brasil, apesar de não terem as maiores populações absolutas, já que perdem para São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte etc., entre outras.

O leitor poderá estar pensando no que escrevi até agora e duvidar. Mas o que isso tem a ver com economia e desenvolvimento regional? Pois, saibam que esse crescimento populacional das cidades urbanas é um processo acelerado e sem volta. De acordo com o Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos (UM-Habitat), a população urbana mundial foi multiplicada por cinco, no período compreendido entre 1950 e 2011. A partir de 2007 o número de pessoas vivendo em cidades ultrapassou o de pessoas vivendo no campo.

Estamos em 2022 e a ONU estima que até 2030 esse êxodo campo - cidade se reflita em todos os continentes, mesmo na África e Ásia, lugares que detinham as maiores concentrações no campo até então. Isso acelera cada vez mais a pressão sobre as cidades, aumenta a responsabilidade dos gestores para encontrarem urgentemente soluções para esse adensamento populacional, quanto a moradia, infraestrutura, saúde, educação, emprego e mobilidade.

Esse tema é motivo de preocupação global. Não por menos anualmente países se reúnem em busca de soluções inovadoras e sustentáveis, para que haja o encontro equilibrado entre o meio ambiente e o homem, seu predador natural. Isso requer cada vez mais planejamento sobre o território das grandes cidades, sob um olhar sistêmico de forma a trazer soluções em todos os aspectos do centro urbano.

E o momento é agora. O tempo chegou e já estamos atrasados pois do contrário, os problemas serão sempre maiores que as soluções necessárias. Isso é custo e mal planejado traz consequências econômicas desastrosas para uma nação.

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Especialistas debatem efeitos e causas

Secretaria Executiva de Ciência e Tecnologia traça planejamento estratégico e realiza conferências sobre o tema em ‘lives’

Renato Félix
Assessoria SEC&T

O nosso planeta está cada vez mais em uma encruzilhada na qual está em jogo sua própria sobrevivência: agir a tempo para reduzir os efeitos das mudanças climáticas. Além de manifestações extremas do clima cada vez mais recorrentes (fortes chuvas, secas, tornados, etc), as repercussões já podem ser notadas nas mais diferentes áreas. E uma série de lives promovida pelo Governo do Estado, através da Secretaria Executiva de Ciência e Tecnologia, debate o assunto com alguns dos principais especialistas brasileiros da área. Três já foram realizadas e continuam podendo ser acessadas no canal da Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia. Outras ações já estão em planejamento para aprofundar a questão por aqui.

Batizada de A Cons-CIÊNCIA pelo Conhecimento, grafada assim para ressaltar o papel da ciência, a série de lives não se propõe a reverberar o alarmismo, mas, sim, a fazer da di-

fusão do conhecimento e das informações uma maneira para conscientizar as pessoas para a importância do assunto. “A mensagem é conscientizar não pelo terrorismo, mas pelo conhecimento”, afirma Daniel Benitez, gerente executivo da SEC&T, que idealizou a live tendo em vista o Dia Nacional da Conscientização sobre Mudanças Climáticas, que foi dia 16 de março.

Serão, ao todo, seis lives. As seguintes discutirão os impactos ambientais, como introduzir o tema das mudanças climáticas no ensino público fundamental e as políticas públicas a respeito do assunto. As *lives* são o começo de um plano estratégico elaborado pela Secretaria Executiva de Ciência e Tecnologia.

Este plano estratégico em relação ao tema das mudanças climáticas é formado por quatro momentos diferentes. As seis lives serão realizadas até 25 de maio. “O segundo momento será estadual: de juntar, mapear, saber o que está sendo feito e por quem no estado, com uma reunião que será realizada na segunda quinzena de julho”, informa Benitez.

“Onde se pretende formalizar o Fórum Paraibano de Mudanças Climáticas”.

No terceiro momento, este fórum vai contactar outros fóruns estaduais para realizar, em novembro, um Fórum Nordeste de Mudanças Climáticas. “Se pretende encerrar esse fórum com um documento para ser entregue às autoridades do Consórcio Nordeste”.

■ Serão, ao todo, seis *lives*. As seguintes discutirão os impactos ambientais, como introduzir o tema das mudanças climáticas no ensino público fundamental e as políticas públicas a respeito do assunto



Foto: Arquivo Pessoal

Patricia Pinho é doutora em ecologia humana pela Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos



Foto: Arquivo Pessoal

■ A estreia da série recebeu Paulo Artaxo, professor do Instituto de Física da USP e integrante do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC)

Conferências não têm tido resultados

A estreia da série recebeu Paulo Artaxo, professor do Instituto de Física da USP e integrante do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), órgão da Organização das Nações Unidas (ONU), e Rubens Freire, secretário executivo de Ciência e Tecnologia. A conversa segue disponível para ser assistida a qualquer momento no canal do YouTube da Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (<https://youtu.be/-lFOF7uFsmc>).

A *live* foi realizada poucos dias depois que o IPCC, que é o o painel científico para o clima da ONU, lançou seu sexto relatório em que alerta para os riscos que a humanidade vai enfrentar nas próximas duas décadas

por conta do aquecimento global. A cada relatório divulgado, os alertas são mais diretos e mais graves. “Esses relatórios, quando começaram, falavam apenas dos impactos climáticos e econômicos. Agora, já falam dos impactos na saúde, na educação e na marginalização de populações carentes. Passou-se a se discutir a sociedade como um todo”, analisa Daniel Benitez.

“A questão importante sobre as mudanças climáticas é que nosso sistema sócio-econômico está mudando nosso planeta de muitas maneiras – muitas delas que a gente nem percebe”, disse Artaxo, na *live*. “População mundial crescendo exponencialmente, investimento estrangeiro crescendo,

uso de fertilizantes, produção de papel, uso de água – todas essas tendências sócio-econômicas estão tendo crescimento exponencial. Bem, num planeta onde os recursos naturais são limitados, evidentemente que isso não pode crescer ad infinitum. E este crescimento está tendo impactos importantes nas tendências do sistema climático que controla o clima no nosso planeta”.

Ele também mostrou com dados e gráficos que pouco mudou após eventos como a Rio +20 e a COP-26. “Basicamente elas não tiveram nenhum efeito em qualquer mudança nas emissões de gás do efeito estufa e no aquecimento global”, analisou. Sua fala se dedicou a mostrar as razões disso.

Desigualdades sociais são reforçadas

Patricia Pinho, doutora em ecologia humana pela Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, e diretora científica adjunta do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam) foi a convidada da segunda edição, que também teve a participação do secretário Rubens Freire. O tema foi “Impactos sociais das mudanças climáticas” e ela também segue disponível no canal da Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia no YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=Iq-jzystjbhc>).

Ela é a autora-líder do capítulo sobre pobreza, modos de vida e desenvol-

vimento sustentável para o sexto relatório do IPCC. “O que está realmente em jogo é a própria existência humana e de que forma ela vai se dar agora num mundo completamente alterado antropogenicamente”, disse ela em sua participação. “Existe um componente muito forte de desigualdade. Os países desenvolvidos são historicamente mais responsáveis pelas maiores emissões de gases de efeito estufa. Mas também existe uma desigualdade no que tange ao impacto. Os maiores impactos negativos têm sido observados no ‘sul global’”.

Ela conta que mesmo dentro desses países abai-

xo na linha do Equador as desigualdades sociais fazem com que certas regiões ou grupos humanos sofram mais com as mudanças climáticas que outros e falou sobre o conceito de “justiça climática”. “A gente tem que conseguir uma habilidade de resposta global quanto a estratégias de adaptação às mudanças climáticas, aos impactos que se projetam em riscos futuros, e tentando evitar limites de adaptação”, explicou. “Esses limites seriam referentes a pobreza, desigualdade, realocação de pessoas em situação de vulnerabilidade ou limites mais duros como o colapso de alguns ecossistemas”.

Impacto na produção de alimentos

Clayton Campagnolla, consultor da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), foi convidado da terceira edição do ciclo de lives, com a participação de Daniel Benitez. O vídeo pode ser assistido em <https://www.youtube.com/watch?v=qOeAW0uhuX0>. O assunto foi justamente “efeitos das mudanças climáticas sobre a produção de alimentos”.

Campagnolla também foi presidente da Embrapa e, na FAO, atualmente é diretor da Divisão de Produção e Proteção Vegetal. Ele começou por um estudo do Fórum Econômico Mundial publicado recentemente, em que foram entrevistadas 12 mil pessoas,

líderes em diversos setores da sociedade, que elencaram os maiores riscos globais para os próximos 10 anos. “Dos 10, cinco são riscos climáticos”, apontou.

Em seguida, ele abordou a evolução dos eventos extremos do clima, numa tendência que prevê mais eventos e em menos tempo. Os impactos indiretos incluem a degradação de ecossistemas, com a perda de diversidade e de serviços ambientais. “Quando você destrói um ecossistema você está criando problema para a oferta e qualidade de água, interferindo nos ciclos na natureza, desprezando a utilização benéfica do organismo que fazem controle natural de pragas e doenças,

afetando os polinizadores”, explicou.

Estima-se que a remoção completa de polinizadores – não só abelhas, mas também pássaros – poderia reduzir a oferta global de frutas em 23%, de vegetais em 16% e de nozes e sementes em 22%. “Aí, obviamente agravando toda a questão de deficiência de nutrientes, doenças relacionadas à desnutrição e a falta de uma alimentação adequada”, alerta.

Para ele, mudanças incrementais não serão suficientes. “Há a necessidade de fazer uma grande transformação ativa para promover a adaptação dos sistemas produtivos agropecuários às mudanças climáticas”, afirma. “Não é um desafio qualquer”.



Foto: Roberto Cenciarelli/Divulgação FAO

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Os impactos na vida dos paraibanos

Pesquisas realizadas a partir de observações na bacia do Rio Paraíba projetam alterações ambientais que afetarão o dia a dia da população

Alessandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Mudança no ciclo normal de chuvas, secas mais intensas e redução drástica de biomas. Assim poderá ser o cenário ambiental da Paraíba no futuro devido às mudanças climáticas e degradação ambiental. O prognóstico é feito com base nas pesquisas realizadas pela equipe do projeto Peld Rio Paraíba Integrado, ou Peld Ripa. Sediado na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), o estudo atua em parceria com as instituições de ensino federais do estado, órgãos de gestão de água, do meio ambiental, além de entidades nacionais e internacionais, formando uma grande rede de pesquisa.

No Brasil, são dezenas de Programas Ecológicos de Longa Duração (Pelds), que, assim como o Peld Ripa, estão vinculados ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Na Paraíba, o Peld Ripa tem como unidade de trabalho a bacia hidrográfica do Rio Paraíba (na foto grande), desde a Caatinga, atravessando o Agreste, até a região do Litoral. Na área da margem atlântica, envolve os municípios de João Pessoa, Cabedelo, Santa Rita, Bayeux e Lucena.

O projeto tem três principais linhas de atuação e um deles são as causas e efeitos das mudanças climáticas. Dentro deste foco, o professor da UEPB e coordenador do Peld Ripa, José Ethan Lucena Barbosa, destacou que, entre os fatores que deverão afetar mais visivelmente o cotidiano da população, estão as alterações no ritmo das chuvas e no ciclo de secas. As prospecções trazem um futuro preocupante para os moradores dos municípios paraibanos.

“Na região do Semiárido, os extremos de secas se intensificarão, serão mais prolongadas. Os períodos de chuvas serão mais intensos, com uma ordem de magnitude maior com relação à frequência. Esses são dados de simulação, não podemos usar como afirmação, mas nos projetam para os próximos anos”, destacou José Ethan. Os dados foram simulados com as observações feitas na bacia do Paraíba nos últimos 50 anos. “Os ciclos estão ficando mais drásticos”, completou o professor.

José Ethan destacou que a degradação ambiental e seus reflexos no estado também são resultado das ações antrópicas (causadas pelo homem) que têm alterado fortemente as paisagens na bacia do Rio Paraíba. No local, os pesquisadores perceberam práticas que intensificam os níveis de desertificação em alguns trechos do estado, como o desmatamento.

Os impactos das mudanças climáticas poderão repercutir negativamente em áreas remanescentes da Caatinga e da Mata Atlântica, promovendo diversas perdas nesses biomas.

Foto: Peld Ripa/Divulgação



Pesquisadores do Peld Rio Paraíba em campo



Saiba Mais

Paraíba sediará evento nacional

O Programa Ecológico de Longa Duração (Peld) completará 25 anos. O professor José Ethan Barbosa afirmou que a data será comemorada na Paraíba, juntamente com os festejos dos 30 anos da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq). Para marcar a data, o estado irá sediar o Encontro Nacional de Avaliação do CNPq, juntamente com os demais Pelds do Brasil. A programação correrá em João Pessoa entre os dias 4 e 6 de julho. O presidente da Fapesq, Roberto Germano, frisou que, como a Fundação apoia o Peld Ripa, se sente incumbido da missão de avaliação dos projetos. Ele acrescentou que será um importante evento para o estado. “A Paraíba será a anfitriã desse evento que contará com núcleos Pelds de todo o país e pessoas da comunidade científica. Será uma ação de grande porte que, além da parte técnica, terá importância, inclusive, para o turismo”.

ODS: compromisso pode reverter quadro

O professor José Ethan explicou que entre os possíveis impactos das mudanças climáticas sobre a população paraibana e o meio ambiente estão a escassez de água nos reservatórios, com repercussão na vida da população e na natureza. Os prejuízos trazidos pelo fenômeno já são percebidos pelos pesquisadores. “Nos últimos 40 anos perdemos cerca de 70% da cobertura vegetal da região litorânea. A degradação no bioma Caatinga já ultrapassa 50%”, frisou Ethan.

Segundo o pesquisador, “os municípios que congregam a bacia do Rio Paraíba certamente serão afetados em termos econômicos, sociais e em seu desenvolvimento regional”. Os agravadores dessa degradação ambiental são o uso e a ocupação do solo de forma predatória, a falta de

um zoneamento ambiental que favoreça as melhores práticas de utilização dos recursos naturais e a adoção de culturas mais apropriadas para a bacia do Rio Paraíba. O professor frisou que o compromisso com os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) poderá reverter, nos próximos 10 anos muitos problemas sociais e ambientais da região.

“Já estamos trabalhando para reverter esse quadro. O Peld Rio Paraíba Integrado é uma das ações que, juntamente com os órgãos governamentais, trabalha para equacionar essas questões e trazer soluções. Estaremos comprometidos com agendas multilaterais, como os 17 ODS, a Década dos Oceanos e a Década da Restauração Ecológica são importantes para nós”.

Projeto reúne mais de 60 pesquisadores

O professor da UEPB, José Ethan Lucena Barbosa, explicou que o Peld Ripa tem como unidade de estudo a Bacia do Rio Paraíba e apresenta três condicionantes-chaves que são: a transposição das águas do Rio São Francisco para o Rio Paraíba; as mudanças climáticas; e a integração de pesquisas com foco na sustentabilidade socioambiental e econômicas, voltadas ao desenvolvimento do Estado.

O objetivo dos Pelds, segundo ele, é investigar temas que têm respostas a serem equacionadas a longo tempo, numa escala de prazo mais duradoura do que os projetos tradicionais.

Segundo ele, o Peld Ripa tem um arranjo institucional que envolve a Universidade Federal da Paraíba (UFPB),

a Universidade Federal da Campina Grande e o Instituto Federal da Paraíba (IFPB). Atua ainda juntamente com os órgãos de gestão de água e ambientais do Estado: a Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (Cagepa), a Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), a Agência Executiva de Gestão das Águas da Paraíba (Aesa) e o Instituto Nacional do Semiárido (Insa), além de vários parceiros nacionais e internacionais.

Juntos, esses atores formam uma grande rede que tem ao todo mais de 60 pesquisadores, quase 40 alunos de graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado envolvidos com todas as temáticas relacionadas à bacia do Rio Paraíba.

Financiamento do Governo do Estado

Mesmo sendo um programa do CNPq, o Peld Ripa é custeado pelo Governo do Estado, pela dimensão que o trabalho abrange. O presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq), Roberto Germano, afirmou que quando foi lançado o edital os recursos não eram suficientes para atender todos os sítios classificados.

“E como o Peld Ripa havia sido classificado, absorvemos essa iniciativa e financiamos totalmente o projeto por meio da Fapesq. O investimento, apenas para a manutenção e instalação do núcleo, foi de R\$ 200 mil. Mas, tivemos outras ações como bolsa de es-

tudo de pós-graduação para esse grupo, além de atividades complementares que, juntas, passam de R\$ 1 milhão de investimento com recursos do Estado”.

Roberto Germano contou que, como o Peld é um Programa de Longa Duração, ele é uma área estratégica de estudo em que novas ações vão sendo agregadas à grande rede Peld Ripa. “O Peld Ripa não é apenas um projeto de pesquisa, mas um programa que envolve diversas atividades, e o professor Ethan é um grande articulador dessas ações complementares. Ao fortalecer o núcleo Peld, estamos fortalecendo os pesquisadores e a instituição UEPB”.

As honrarias do “Adão Cabedelense”

Comerciante é um dos paraibanos que mais recebeu comendas especiais das mãos de três ex-presidentes da República

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Em 18 de outubro deste ano, familiares e amigos (que não são poucos) vão lembrar do 93º aniversário de nascimento do comerciante paraibano Paulo Lins Cavalcante, que morreu há seis anos, em Cabedelo, na Região Metropolitana de João Pessoa, deixando, além de saudades, uma folha de serviços prestada aos moradores da cidade, que fica distante a 18 quilômetros da capital paraibana.

Paulo Lins confessava ser pai de 36 filhos, frutos de dois casamentos e de 14 “uniões informais”, segundo informa sua filha mais velha, Ana Maria. “Mamãe sabia de tudo, discutia com ele e, depois, o perdoava”. Por causa dessa prole exagerada, os amigos o chamavam de “Adão Cabedelense”.

Moreno, alto, de olhos claros, Paulo nasceu em Cabedelo, em 18 de outubro de 1929. Morou na mesma cidade até morrer, em 10 de agosto de 2016. O sobrenome Lins, Ana atribui a uma descendência alemã (talvez Lintz ou Linge), embora nunca tenha se preocupado em levantar a genealogia da família. Paulo dizia a seus filhos e a outros interessados que sua faculdade tinha sido o mundo. Era comerciante fornecedor para navios que atracavam no Porto de Cabedelo e poderia viajar pelo planeta inteiro, mas nunca saiu do Brasil. E repetia: “Esta é a pátria que eu amo”.

Naquela época, os embarques em navios da Companhia Lloyd eram mais fáceis. E Paulo poderia viajar neles com uma despesa mínima. Mas ninguém o convencia em colocar os pés fora da terrinha que tanto gostava. Em vez de se tornar um andarilho sem destino, seguiu o exemplo do pai, Pompeu Cavalcanti, um comerciante sedentário, abastecedor de navios, que também indicava práticos capacitados a guiar cargueiros e petroleiros, cujos pilotos não sabiam entrar em segurança no Porto de Cabedelo.

A mãe de Paulo, Maria Lins, destacou-se como a costureira que vestiu meio mundo feminino da cidade portuária. Nas solenidades, Paulo exibia, na lapela, o broche da sua empresa, Ship Chandler Lins, uma obra de arte niquelada, confeccionada em Recife (PE), pelo modelador de metais Maurílio Ferreira Maciel. Politicamente inquieto, foi vereador e vice-prefeito em Cabedelo, na gestão de Francisco Figueiredo de Lima, o Chico Cumaru. Também chegou a suplente de deputado federal.

De alegria contagiante, se transformava de água em vinho quando era provocado. Homem de sorte, Paulo tinha viajado quando, após o golpe militar de 1964, três oficiais do Exército chegaram de surpresa em sua casa. Não encontraram nada suspeito. Depois, desistiram de procurá-lo, “pois sua fama era apenas de boêmio e mulhereiro; de ideologia comunista ele não queria nem saber”, observou, na época, um zeloso capitão, que eventualmente iria dirigir o Inquérito Policial Militar (IPM).

Quando a avalanche de fogo do golpe militar esfriou,

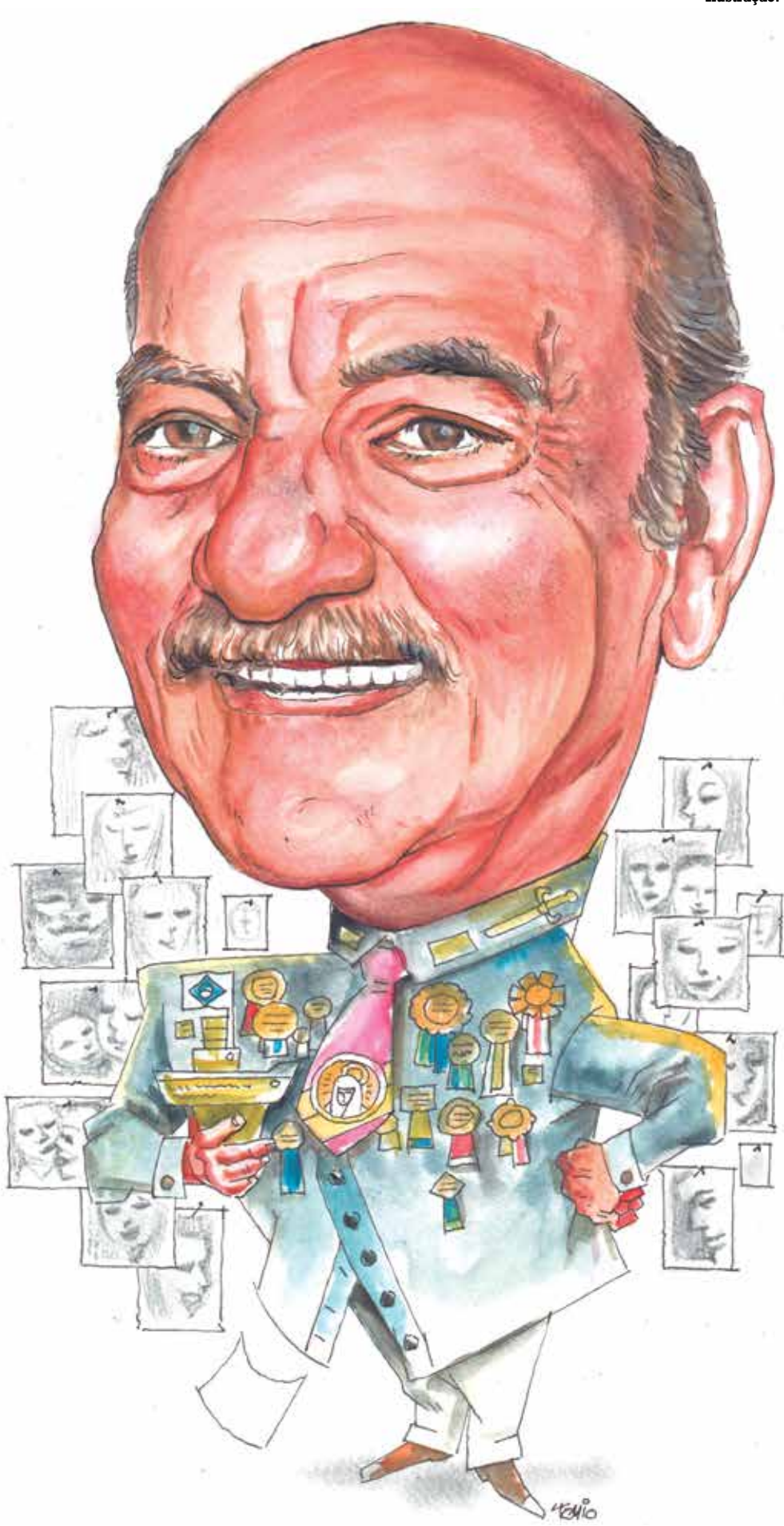


Ilustração: Tônio

Fotos: Álbum de Família



Paulo era eclético: foi homenageado pela Monarquia (primeira foto) e por presidentes como João Figueiredo e Juscelino Kubitscheck

A santa e o embate com Padre Alfredo

“Quando papai se espantava, ninguém o segurava”, afirma a filha Ana Maria. “E diz a lenda que homem destemido briga com todos, até com o satanás”. Paulo não chegou a desafiá-lo, mas teve um revés com o então Padre Alfredo, pároco de Cabedelo. E quem era o pivô da briga? Uma senhora sagrada, virgem... nada menos do que Nossa Senhora dos Navegantes, que divide seu o prestígio na cidade com o padroeiro de Cabedelo: o Sagrado Coração de Jesus.

E como foi a briga do escudeiro de santas, Paulo Lins, contra o raptor de virgens, Padre Alfredo? Há muito tempo, um navegador rico fez promessa por se salvar de um naufrágio e doou uma imagem, em tamanho natural, de Nossa Senhora dos Navegantes para a Paróquia de Cabedelo. Padre Alfredo achou que a santa não estaria segura ali e a mandou para a comunidade católica de Campina Grande. Cochicharam essa história no ouvido de Paulo e o homem não gostou.

“

Quando papai se espantava, ninguém o segurava (...)
Diz a lenda que homem destemido briga até com satanás

Ana Maria

Padre Alfredo havia chegado de viagem. Ao ser interrompido por Paulo para resgatar a santa, disse que o Jipe dele estava quebrado e era melhor deixar para outro dia. Determinado, Paulo respondeu: “Não. A gente vai hoje e agora”. Contra-

riado, o religioso entrou numa camionete arranjada por Paulo e ganharam a estrada em direção a Campina Grande.

O dia estava no crepúsculo, quando Paulo, Padre Alfredo e um sem número de fiéis já surgiam na altura do Cabedelo Club. A santa, em sua pose divina, pontilhada de flores, estava de volta. Triunfalmente, a imagem sacra retornava para a cidade de origem. A rixa entre Paulo e o padre terminou aí. A estátua da santa é conhecida como “O Monumento” e se tornou em uma atração turística de Cabedelo.

Amigo de Abelardo Jurema, ministro da Justiça no governo de João Goulart, Paulo causava ciúmeira entre os invejosos, porque era a ele que os políticos poderosos procuravam quando pretendiam qualquer coisa. Jurema deu carta branca para Paulo criar o Instituto dos Marítimos em Cabedelo. Mais tarde, ele foi presidente da Associação Comercial do Município. Como era fã inveterado de Carnaval, transformava o reinado cabedelense de Momo numa apoteose.

Ilustração: Tonio



Ademar Vidal escreveu o primeiro guia turístico da Paraíba e cometeu alguns erros sérios

Hilton Gouvêa
hiltongouvvaranjo@gmail.com

Os biógrafos desse ilustre jornalista e escritor paraibano – com exceção de Coriolano de Medeiros, que gostava de dirigir-lhe farpas delicadas –, assumem, sem medo de errar, que Ademar Vidal sempre foi “um menino dotado de precocidade e de uma inteligência fora do comum”. “Seu livro sobre o cimento da Ilha de Tiriri e a polêmica que gerou contém detalhes que só a ‘super’ perspicácia de um dedicado pesquisador, com alma de monge beneditino, consegue descobrir”. Celso Mariz comemurava com essa ideia.

Com seu acurado faro de repórter e hábito de pesquisa, conseguiu levantar a história de Tiriri – a terceira maior ilha do estuário do Rio Paraíba – e, consequentemente, revelar ao público a descoberta de uma excelente jazida de calcária, que o acaso levou ao conhecimento de um inglês e do português Varandas que, por ironia do destino, passeavam pela área. Vidal diz em seus livros que o nome Tiriri deriva do tupi Siu-ri-ri, um tipo de capim navalha que existe por lá.

“Ele era eficiente no trabalho que fazia, mas tinha dois hábitos peculiares que lhe perseguiram: no livro que escreveu sobre João Pessoa exagerou na bajulação e gostava de esconder sua verdadeira idade, pois nasceu em 1897 e sempre afirmava que tinha sido em 1900”, informa o historiador e escritor Guilherme D’Avilla Lins, seu contemporâneo. “Ele escreveu o primeiro guia turístico da Paraíba e cometeu alguns erros sérios”.

Ademar Victor de Menezes Vidal nasceu na então cidade da Parahyba do Norte – a João Pessoa atual –, em 7 de julho de 1900 e morreu a 30 de novembro de 1986, no Rio de Janeiro (RJ). Ainda menino, fazia jornalzinho em casa e torna-se, com apenas 12 anos, ajudante de revisor do jornal A União, e se torna seu diretor aos 20 anos.

Ele cria e dirige a revista A Novela. Foi colaborador de várias revistas estrangeiras, como Atlântico (Lisboa), Pretexte (Paris) e Ocidente (Madrid); e escreveu matérias sobre política social e jurídica, revelando fatos e problemas do Nordeste.

Ademar Vidal

Hábil pesquisador, com uma “super” perspicácia



Augusto dos Anjos e Ademar Vidal foram colegas de estudo para ingresso no Lyceu Paraibano

Da amizade com Augusto dos Anjos nasce o livro ‘O Outro Eu’

Quando morreu, Ademar Vidal deixou a viúva Maria do Céu Vidal, com quem teve cinco filhos. Eram seus pais o jornalista Francisco de Assis Vidal e Amélia Augusta Menezes Vidal. Ele foi alfabetizado em casa, com a sua mãe, frequentando depois os Colégios Nossa Senhora das Neves e Diocesano Pio XII, na capital paraibana, preparando-se para ingressar no Lyceu, igualmente com Augusto dos Anjos, cujas aulas eram ministradas na própria residência do poeta, à Rua Direita, 93 (atual Duque de Caxias). Desse contato diário com Augusto, Ademar Vidal armazenou lembranças que, mais tarde, lhe ofereceram subsídios para escrever o livro intitulado ‘O Outro Eu de Augusto dos Anjos’.

Formou-se em Direito pela Faculdade de Recife, em 1920, começando a advogar na capital da Paraíba. Depois, transferiu-se para o Rio de Janeiro, submetendo-se a concurso público para o Itamaraty, tendo sido aprovado e nomeado para a Delegação do Brasil na Holanda, porém teve problema de saúde e renunciou ao cargo, retornando à Paraíba. Chegando em sua terra, foi nomeado oficial de gabinete do presidente Solon de Lucena, ocupando, também, o cargo de procurador da República.

Mais tarde, o presidente João Pessoa convidou-o para assumir as pastas de Justiça e da Segurança, permanecendo à frente dessas secretarias até 1930. Aos 12 anos, começou a trabalhar no Jornal A União como revisor. A revista

A Novela, fundada por ele, circulou na capital paraibana e foi classificada como precursora do movimento modernista no Nordeste.

Ele escreveu em vários jornais do país e em revistas estrangeiras, representando o Brasil em congressos, fez conferências em diversas universidades sobre temas políticos e jurídicos. Colaborador assíduo da revista Era Nova e membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), foi eleito, por aclamação, membro efetivo da Academia Paraibana de Letras (APL), tendo sido empossado no dia 24 de outubro de 1979 e recepcionado pelo acadêmico José Octávio de Arruda Mello.

Sua produção literária é vasta. Além de artigos em jornais e revistas, publicou: ‘Fome’, 1922;

‘O Incrível João Pessoa’, 1931; ‘1930 – História da Revolução na Paraíba’, 1933; ‘Epitácio Pessoa ou o Sentimento de Autoridade’, 1942; ‘Recordações Sentimentais de Epitácio Pessoa’, 1942; ‘Guia da Paraíba’, 1943; ‘Terra de Homens’, 1945; ‘América, Mundo Livre’, 1945; ‘Espírito de Reforma’, 1945; ‘Importância do Açúcar’, 1945; ‘Lendas e Superstições’, 1950; e ‘Europa’, 1950. Outras obras: ‘Reparações de Guerra’, 1952; ‘Organização Judiciária dos Estados Unidos do Brasil’, 1959; ‘Liquidação dos Bens de Guerra’, 1960; ‘O Outro Eu de Augusto dos Anjos’, 1967; ‘Canção de Liberdade’, ‘Regime Jurídico do Estrangeiro’, ‘Moderno Sentido de Soberania’, ‘O Grande Presidente’, ‘A Família Brasileira e as Suas Origens’, e ‘João Pessoa e a Revolução’.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Tropicalismo

Dentre os ritmos e os movimentos/momentos ocorrentes no universo musical, é evidente que uns passam, às vezes são até esquecidos, e outros ficam raízes e criam adeptos e seguidores que continuam nos brindando com suas criações.

Quanto aos primeiros, quem se não há de lembrar dos “sumidos” foxtrote, calypso, twist, hully gully – somente para falar nos ritmos “importados” – ou dos nossos xamego (chamego), maxixe, samba-chula, carimbó, sirimbó e outros mais...

Ainda bem que nos restam ainda, se bem que de forma mais modesta, os dobrados, chorinhos, bossa-nova e até os ainda contagiantes ritmos da Jovem Guarda, dentre os quais o inapagável rock’n’roll...

O Tropicalismo foi um desses momentos/movimentos que “foi bom enquanto durou”. Agregava valores que iam das sutilezas musicais nordestinas ao som eletrificado das guitarras. Quanto aos criadores da tropicalia, embora alguns estivessem à frente – Gil, Caetano, autênticos representantes da música baiana –, outros agregaram valores ao movimento, como queiram: os Mutantes, Gal Costa, Nara Leão, Jorge Ben, Tom Zé, os letristas Capinam, Torquato Neto e o maestro Rogério Duprat, uma espécie de guru do grupo, como George Martin o foi com relação aos Beatles. Foi essa turma que lançou uma espécie de ‘Manifesto Tropicalista’, no álbum de 1968, ‘Tropicalia – Panis et Circenses’ (na foto).

O movimento iniciou-se, praticamente, durante o Festival da MPB de 1967 e enraizou-se com o programa ‘Divino Maravilhoso’, da TV/Tupi-Rio.

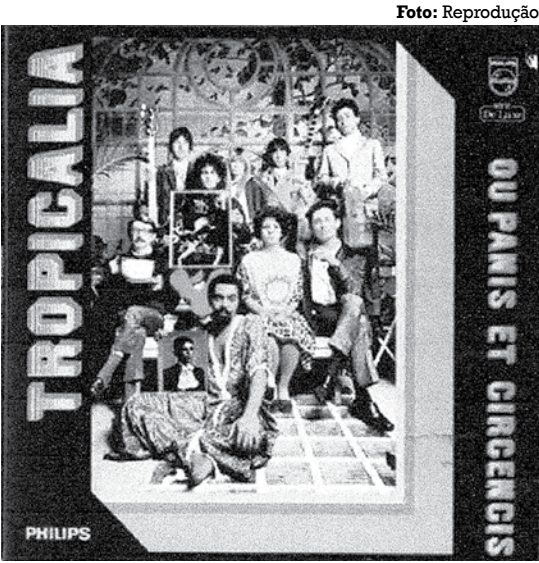


Foto: Reprodução

so’, da TV/Tupi-Rio.

Com relação à música, os mais apegados às rotulações momentâneas, algumas vezes, tentam equiparar o que houve entre o Tropicalismo com o que talvez tenha havido com a Semana de Arte Moderna (1922), ou seja, a busca de uma renovação de valores formais ou ideológicos do nosso dia a dia, com abrangência musical e literária, respectiva e evidentemente. São claras as manifestações de assimilação de influências externas na cultura artística nacional, buscando-se uma fusão de elementos da cultura nacional com outros da arte pop e da vanguarda psicodélica erudita universal. Pode-se até dizer que esse aspecto do Tropicalista, no álbum de 1968, ‘Tropicalia – Panis et Circenses’ (na foto).

O movimento iniciou-se, praticamente, durante o Festival da MPB de 1967 e enraizou-se com o programa ‘Divino Maravilhoso’, da TV/Tupi-Rio.

Angélica Lúcio

Minha idade não me define: e a sua?

‘Minha idade não me define’ é o slogan de um movimento contra o etarismo que está se espalhando pelas redes sociais. Idealizada pela jornalista Carla Leirner (que tem 58 anos e é uma ativista da maturidade) e sua mãe, a psicanalista Sylvia Loeb (de 77 anos), o projeto começou com mulheres, a partir do perfil ‘Escritora no divã’ no Instagram (@escritora_no_diva_oficial), mas não está restrito a esse gênero. Inclusive, os homens estão convidados a entrar nessa ciranda também.

Ao provocar questionamentos e reflexões sobre os desafios do envelhecimento, o movimento ‘Minha idade não me define’ tem levado muita gente a mostrar seu valor, por meio de sua identidade e do trabalho que realiza, e também a compartilhar vivências sobre a maturidade.

No perfil ‘Escritora no divã’, uma camiseta do projeto ‘Minha idade não me define’ está à venda para quem quiser, literalmente, vestir a camisa do movimento. Algumas personalidades já embarcaram na proposta, como a jornalista Ana Paula Padrão, a escritora Cris Guerra e a consultora Fran Winandy.

Em postagem no Instagram, Ana Paula Padrão revela que ninguém, em nenhuma circunstância, a definiu. “Ninguém manda em mim e não será a idade que vai mudar isso. Quem me define sou eu: meus desejos,

Foto: Reprodução



minha coragem, meus medos, minhas inseguranças e o imenso amor que tenho por mim mesma. Tenho 56 anos e muitas vidas ainda nesa vida”.

Também integrada ao movimento contra o etarismo, a escritora e palestrante Leila Rodrigues lembra que não é um número no RG que atesta se uma pessoa está hábil ou não para encarar algum desafio.

“Quem vai dizer se eu estou apta para isso ou aquilo é a minha competência, a minha condição física, o meu caráter, a minha saúde e a minha disposição e não um número chapado nas páginas amareladas da minha carteira de identidade. Então parem de nos classificar como mercadorias vencidas! E ainda que as estatísticas provem o contrário, estamos falando de seres humanos e seres humanos carregam em si a incrível capacidade de bagunçar as estatísticas”.

Reli os relatos acima no Instagram enquanto escrevia esta coluna. Sim, são relatos inspiradores. Mas que também me deixam inquieta e reflexiva ao ver tantos colegas jornalistas, aqui e em outras regiões do Brasil, sendo demitidos porque estão mais velhos. A experiência, tão valiosa, é colocada no lixo! A memória de toda uma geração é jogada para escanteio. Com facilidade, grande facilidade, trocam um profissional acima dos 40 anos de idade por dois estagiários.

Não tenho nada contra estagiários, é bom avisar logo. E tenho certeza de que o diálogo entre as gerações é essencial. Mentes de diferentes idades, e empresas de áreas diversas, têm muito a ganhar quando jovens e profissionais 40, 50, 60 + atuam juntos.

O Jornal A União é um exemplo dessa sinergia gostosa: aqui há espaço para quem está com a bateria tinindo de nova e para quem tem a quilometragem mais rodada na arte de escrever ou editar. Tem Sara que dialoga com Zé Alves, tem Gi que troca ideias com William, tem Juliana que aprende com Gisa, tem Cananéia que bate bola com Naná. Dez anos a menos, trinta anos a mais, não importa! Nessa matemática, o resultado será sempre positivo. Quando se aposta na diversidade – e não apenas na pouca idade –, o ganho é certo.

“Em verdade, se a velhice não está incumbida das mesmas tarefas que a juventude, seguramente ela faz mais e melhor. Não são nem a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que autorizam as grandes façanhas; são outras qualidades, como a sabedoria, a clareza, o discernimento. “Qualidades das quais a velhice não só não está privada, mas, ao contrário, pode muito especialmente se valer”. E quem diz isso não sou eu, mas Cícero, uma das vozes mais importantes do mundo jurídico e da literatura latina.



Walter
Ulysses

Fotos: Walter Ulysses/Acervo pessoal

Chef de cozinha
| Colaborador

Modo de preparo:

■ Cozinhe as batatas rapidamente, deixando-as al dente. Faça o mesmo com duas das cebolas cortadas em rodela. Reserve. Em uma frigideira antiaderente, refogue o bacalhau com as duas cebolas restantes, o azeite, o curry e as azeitonas. Reserve. Em um pirex, faça camadas com os ingredientes da seguinte ordem: batatas, cebolas, bacalhau e repita até terminar com o bacalhau. Coloque o molho de tomate. Enfeite com a cebolinha.



PRATO DO DIA

Bacalhau de Páscoa à moda do chef



Ingredientes

- Bacalhau de Páscoa à moda do chef
- 500 gramas de bacalhau picado dessalgado
- 4 batatas fatiadas em lâminas finas
- 4 cebolas grandes cortadas em rodela
- Azeite de oliva a gosto
- Curry (ou caril) a gosto
- 200ml de molho de tomate

PITADAS
A GOSTO



O que explica a associação entre os símbolos do ovo e do coelho com a celebração da Páscoa? A crença na ressurreição de Jesus Cristo? Há controvérsias e diferentes versões circulam entre os religiosos. Uma dessas versões, que tem sido disseminada ao longo dos séculos, é a de que Maria Madalena teria ido antes do amanhecer de domingo ao sepulcro de Jesus de Nazaré, crucificado na sexta-feira, levando consigo material para ungir o corpo dele. Ao chegar ao local, teria visto a sepultura entreaberta. Um coelho, que teria ficado preso no túmulo aberto na rocha, seria o primeiro ser vivo a testemunhar a ressurreição de Jesus. Por essa razão, ganhou o privilégio de anunciar a boa nova às crianças do mundo inteiro na manhã da Páscoa. É ele, portanto, o suposto portador do ovo de chocolate. O ovo, por sua vez, é um símbolo de vida e renascimento. Povos da antiguidade, como os romanos, propagavam a ideia de que o universo teria a sugestiva forma oval. Na idade média, houve quem acreditasse que o mundo teria surgido dentro da casca de um ovo.

A Páscoa bíblica

Ovos, chocolate, família... Todas essas coisas se tornaram parte da celebração da Páscoa, mas não explicam seu significado. Como surgiu a festa da Páscoa? E por que celebramos? A Bíblia dá a resposta. Páscoa significa passagem e tem origem no termo hebraico Pessach. O domingo de Páscoa celebra a ressurreição de Jesus Cristo. A origem da celebração da Páscoa está na história judaica relatada na Bíblia, no livro chamado Êxodo, que significa saída, e é exatamente a saída dos judeus do Egito que esse livro relata. Todos nós fomos escravizados pelo pecado e precisamos ser libertos. Deus prometeu trazer julgamento sobre o mundo, mas ele nos ofereceu um escape: Jesus. Os israelitas sacrificaram um cordeiro para salvar suas famílias. Deus sacrificou seu próprio filho para nos salvar! Durante a festa da Páscoa judaica, Jesus morreu na cruz em nosso lugar. Agora quem crê em Jesus como seu salvador está livre da condenação. O sangue de Jesus é um sinal na vida de quem o ama, protegendo do castigo eterno. Ele liberta da escravidão do pecado e dá uma vida nova. Agora todos podemos fazer parte do povo de Deus e viver em liberdade! É por isso que continuamos a celebrar a Páscoa, mas com um significado diferente do Antigo Testamento. Celebramos a libertação do pecado, o perdão do castigo e a vitória sobre a morte! A Páscoa é a celebração da salvação. E o domingo de Páscoa no Brasil é o dia mais comemorado por todos os familiares com almoços feitos especialmente para a família se fartar. Todos juntos. É um dia mais que especial nas famílias mais tradicionais.

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tevê e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.



Eleição: a vontade da maioria

Alessandra Tavares
 lekajp@hotmail.com

No mês de outubro, os eleitores brasileiros irão escolher o presidente da República, governadores, senadores (um terço do Senado) e deputados federais e estaduais por meio da eleição, prática realizada pela primeira vez no mundo ocidental na cidade de Atenas, no século 5 a.C.. Segundo o observador político Luciano Nascimento, professor adjunto do Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), mais tarde, no século 2 d.C., o termo teria sido reproduzido sob o processo de escolhas dos representantes de Roma, assumindo um sentido mais parecido com o que é aplicado nos dias de hoje.

Há, porém, entre os estudiosos, um debate sobre essa estreia da eleição no mundo. Uma parcela de teóricos defende que a história da eleição não teria relação com a tradição greco-romana, mas teria começado no sistema de representação dos povos celtas e hindus. Essas civilizações antigas já teriam utilizado esse processo com a participação dos sacerdotes druidas, que votavam para eleger suas lideranças políticas.

Já o cientista político Fábio Machado, sociólogo e professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), afirma que a primeira eleição para a escolha de um líder nacional, baseada no sufrágio individual, teria ocorrido nos Estados Unidos, em 1788. Esse mandato se estendeu por um curto período, de dezembro de 1788 a janeiro de 1789, sob a nova Constituição ratificada no Congresso de Filadélfia.

“George Washington foi eleito por unanimidade para o primeiro dos seus dois mandatos, e John Adams se tornou o primeiro vice-presidente da nação estadunidense. Igualmente, nessa eleição, foi eleito o primeiro Congresso Nacional. Em 1801 foi a primeira vez que o comando de um governo foi mudado por consequência de uma eleição”, enfoca Fábio.

Discussões à parte, e independentemente do lugar onde esse sistema teria surgido, o professor Luciano Nascimento destaca que a eleição continua sendo um “processo de escolha de representação”. “Ou seja, quando não se exerce o poder diretamente, escolhe-se um representante para exercê-lo. E a finalidade é a mesma, das adotada nas civilizações antigas. O representante é eleito pelo sufrágio popular – pela maioria que compõe a sociedade, como forma legítima de um processo de exercício do poder chamada democracia. A

É todo processo pelo qual um grupo designa um ou mais de um de seus integrantes para ocupar um cargo por meio de votação; é o processo que consiste na escolha de determinados indivíduos para exercerem o poder soberano, concedido pelo povo através do voto, devendo estes, assim, exercerem o papel de representantes da nação.

Permanece como forma legítima do processo de conquistar o poder por meio de representantes na chamada democracia

■ **As consultas eram realizadas de forma direta, na medida em que a dimensão reduzida das comunidades permitia isso**

função fundamental desse sistema é cuidar das cidades, é a gestão do Estado, no sentido da construção do bem comum”.

Para ele, a representação política traduzida na versão do sistema democrático ou sistema da democracia “não mudou absolutamente nada” no decorrer das décadas. As decisões continuam no campo da “representação”. O sufrágio popular é o núcleo de legitimidade dessa representação, seja na Grécia, na cidade-estado Atenas, em Roma, na democracia moderna, ou na democracia moderna contemporânea.

Porém, os registros de consultas à população, ou a segmentos da população, segundo o historiador Alarcon Agra do Ó, professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), são observados em todas as culturas do planeta. Nos primórdios, o professor Alarcon conta que as consultas eram realizadas de forma direta, na medida em que a dimensão reduzida das comunidades permitia essa prática.

Quando os grupos humanos aumentaram, formas indiretas foram criadas. Uma das maneiras mais célebres na história era o ostracismo (afastamento da política daquele com pretensão de ser ditador), em Atenas Clássica. Quando alguém se destacava e ameaçava tornar-se ditador, os cidadãos eram chamados a se posicionar. “Cada um escrevia o nome do provável tirano mais ameaçador e o mais votado era expulso da cidade por um período. O voto era escrito num pedaço de ostra (*ostrakon*, em grego), o que derivou na palavra ostracismo”, explica.

Origem do processo eleitoral no Brasil: escolha dos “homens bons”

Etimologicamente, a palavra eleição é extraída da palavra latina “electiui”, que tem origem em outro termo latino denominado “eligere” (retirar algo de um conjunto, escolha). Mas, segundo o professor e observador político Luciano Nascimento, a palavra só aparece com esse sentido na língua portuguesa na Idade Média, porque, até então, era um termo inexistente no idioma de Portugal.

Dependendo do ângulo em que se observa a história, há pontos de vista distintos entre os estudiosos sobre a primeira eleição realizada no Brasil. Segundo o professor Cidoval Moraes de Sousa, da Universidade Estadual da

Paraíba (UEPB) e doutor em Geociências, o voto foi uma prática instituída no Brasil ainda no período colonial, quando o país ainda era parte da América portuguesa.

Ele afirma que a primeira eleição em território brasileiro aconteceu na Vila de São Vicente, em 1532, para determinar a escolha das pessoas que ocupariam os cargos da Câmara Municipal e que seriam responsáveis pela administração das vilas coloniais. Vários cargos eram preenchidos no pleito: vereadores, juiz ordinário, procurador e outros oficiais. “Essa eleição ocorria a cada três anos, e sua realização seguia as determinações das Ordenações do Reino, documento que fazia um compilado das leis criadas pelos reis de Portugal”, declara Cidoval.

Nessa época, somente os chamados “homens bons” tinham o direito de poder escolher os administradores das vilas. Eram “bons” os nobres de linhagem, os senhores de engenho e os membros da alta burocracia militar, a esses se acrescentam os homens novos – burgueses enriquecidos pelo comércio.

Já o observador político Luciano Nascimento explica que o processo eleitoral, nos primórdios, estava longe de ser democrático. No século 19, o país viveu por um longo tempo sob o domínio da Monarquia (1822-1889).

Considerando o aspecto histórico a partir da democracia e do sistema republicano, ele enfoca que somente com a Proclamação da República (1889), e por conseguinte a segunda Constituição Brasileira, houve a primeira eleição no Brasil, com a escolha do presidente da República, mas de forma indireta. Para ele, tal realidade gerou um déficit de legitimidade, uma vez que o pleito não foi realizado por quem deveria ter o poder de escolha – o povo, mas, sim, por uma votação feita no Parlamento, ou seja, por representantes que elegeram o presidente brasileiro.

A primeira eleição de for-

ma direta só aconteceria anos depois, em 1º de março de 1894, quando o povo escolheu o presidente do país, tendo como candidato eleito Prudente de Moraes. “O Brasil deixava para trás o déficit de legitimidade em matéria de representação do sufrágio popular”, frisa Luciano Nascimento.

Nessa época, apenas uma parcela da população estava apta a votar e entre essas pessoas estavam os homens maiores de 21 anos. E mesmo dentro desse grupo, havia restrições, pois os analfabetos, soldados rasos e mendigos, por exemplo, estavam excluídos.

Da mesma forma, nem todo indivíduo poderia concorrer a uma vaga no pleito. Via de regra, quem se candidatava eram coronéis, generais, liberais burgueses com posses, dentre outros abastados. E as eleições tinham como característica o voto de “cabresto”, palavra de origem latina “capistrum”, que significa mordada ou freio. Nesse contexto, os indivíduos de posses e com influência na sociedade, geralmente os coronéis, obrigavam os eleitores mais simples a eleger seus apadrinhados políticos.

Esse período inicial ficou caracterizado por ser um presidencialismo de manipulação das eleições, dos documentos eleitorais, da compra de votos pela concessão de favores.

Para o professor Luciano Nascimento, a principal conquista do sistema eleitoral brasileiro a partir da República até a Constituição de 1988 – Carta Magna que rege o atual modelo da política no país –, foi o direito da mulher ao voto, no governo de Getúlio Vargas (1930-1945). Em 24 de fevereiro de 1932, o Código Eleitoral passou a assegurar que a mulher participasse da vida política do Brasil, o que foi previsto na Consti-



■ **A ditadura enfraqueceu a experiência democrática, deixando como herança hábitos autoritários**

Alarcon Agra

tuição Federal de 1934.

“A mulher passou a exercer o direito de ir às urnas e escolher, mediante sua livre convicção, quem deveria colocar no poder. Essa é a principal mudança de todo o quadro do exercício eleitoral, seja como direito ou dever relacionado ao voto”, frisa Luciano.

Ditadura

Vale lembrar que no decorrer das fases da história brasileira, o processo eleitoral se deparou com o regime totalitário. O professor e historiador Alarcon Agra salienta que a ditadura militar manteve as eleições, uma prova de que a realização do pleito não é sinônimo de democracia. Nesse período, porém, as diversas intervenções militares limitaram esse acontecimento de escolha popular.

Entre as ações exercidas na época, Alarcon cita a imposição do cerceamento das liberdades partidárias e de opinião; a restrição à propaganda política; a obrigatoriedade de escolhas indiretas para cargos do Executivo e para parte do Senado. “A ditadura enfraqueceu a experiência democrática, deixando como herança hábitos autoritários”.

Imagem: Pixabay

Foto: Divulgação

■ **A mulher passou a exercitar o direito de ir às urnas e escolher, mediante sua livre convicção, quem deveria colocar no poder. Essa é a principal mudança de todo o quadro do exercício eleitoral**

Luciano Nascimento

Instituição da autoridade pública por meio do voto

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

O cientista político Fábio Machado, sociólogo e professor da UFCG, afirma que as eleições são um fenômeno moderno, que passaram a ser discutidas como consequências dos processos revolucionários ocorridos no final do século 18 nos Estados Unidos e na França. Segundo ele, os pioneiros do governo representativo acreditavam que apenas as eleições eram capazes de assegurar que os valores e interesses dos governantes coincidissem com os desejos dos eleitores.

Por volta da década de 1780, o processo eleitoral havia se tornado o único critério para a representação. “Dessa forma, a eleição é um instrumento político que oferece aos governados a possibilidade de escolher seus governantes e removê-los se assim o desejarem, de forma pacífica. É uma forma importantíssima de instituir a autoridade pública em qualquer país, em detrimento das formas autocráticas do exercício do poder”, ressalta.

Em torno de uma eleição, porém, existem vários agentes – partidos políticos, candidatos, eleitores – que se relacionam, direta ou indiretamente, na busca da elegibilidade de um representante. A forma como esses entes se comunicam, sobretudo na eleição presidencial brasileira, aponta certas tendências e padrões que, segundo Fábio, “interagem de maneira eficaz”. Ele explica que tal dedução é possível, uma vez que, desde a promulgação da Carta Magna de 1988, o processo eleitoral no Brasil oferece uma escolha real entre governantes.

De acordo com ele, até os dias atuais, esse processo tem assegurado a estabilidade política institucional e, consequentemente, a governabilidade, com um processo eletrônico de votação e apuração ágil. Ele acrescentou que, diferentemente do que ocorria no passado, o sufrágio é universal, pois não há restrição significativa que impeça qualquer cidadão, com pelo menos 16 anos, de ser eleitor. Assim, apesar das vicissitudes, Machado conclui que o sistema eleitoral brasileiro tem funcionado sem interrupções.

Para o historiador e professor da UFCG Alarcon Agra do Ó, no entanto, o sistema eleitoral ainda tem muitos “limites”, entre os quais a dificuldade de se controlar o abuso do poder econômico e, mais recentemente, as fake news. “Essas últimas são a maior ameaça que se pode imaginar à tranquilidade democrática e devem ser combatidas sem pausa”, ressalta.

Apesar de apresentar restrições, Alarcon Agra declara que as eleições trazem à cena o debate e a possibilidade de escolha popular, possibilitando uma experiência pedagógica, no sentido de que a cada edição oferece uma lição à população. “No entanto, precisa ser protegida para que as liberdades sejam garantidas”.

Segundo ele, fake news, boatos, inverdades, abusos devem ser combatidos de forma radical, e não devem ser admitidos ataques ao processo, principalmente quando são infundados e projetam ameaças à democracia.



Foto: Divulgação

Eleição é um instrumento político que oferece aos governados a possibilidade de escolher seus governantes e removê-los se assim o desejarem, de forma pacífica. É uma forma importantíssima de instituir a autoridade pública em qualquer país, em detrimento das formas autocráticas do exercício do poder

Fábio Machado



Imagem: Pixabay

Direito não é uma concessão; é conquista

Ao longo dos séculos, o processo eleitoral sofreu alterações, algumas significativas, outras nem tanto, mas muitas dessas mudanças foram alcançadas à base de muita luta e determinação dos que desejavam igualdade de direitos. Uma dessas evoluções está associada ao voto.

De acordo com o professor da UEPB Cidival Morais de Sousa, doutor em Geociências, o voto não surge apenas como direito estabelecido pela Lei Maior, mas como instrumento de manifestação do povo, genuinamente livre, decorrente de convicções e expectativas sobre o futuro do país.

“O voto universal para as mulheres, para os analfabe-

tos, para os despossuídos não foi uma concessão: foi uma conquista decorrente de muita luta, sangue e morte. Direito não é uma concessão; é conquista. Não vem de graça ou pela bondade ou generosidade de alguns. São resultados da pressão social em cada momento histórico”.

Segundo ele, a democracia, por conseguinte, não é um sistema perfeito, nem acabado, nem o melhor sistema do mundo. “É o que temos e, hoje, mais ameaçada do que nunca”.

O professor afirma que há quem garanta, como Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, que as democracias estão morrendo, inclusive pelo voto: “A democracia atualmente não

termina com uma ruptura violenta nos moldes de uma revolução ou de um golpe militar; agora, a escalada do autoritarismo se dá com o enfraquecimento lento e constante de instituições críticas – como o Judiciário e a imprensa – e a erosão gradual de normas políticas de longa data”.

Foto: Arquivo Pessoal

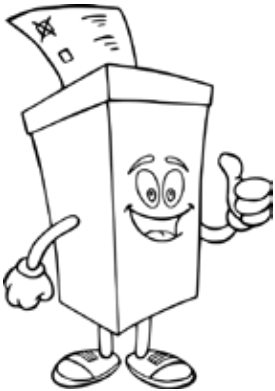


O voto universal para as mulheres, para os analfabetos, para os despossuídos não foi uma concessão: foi uma conquista decorrente de muita luta, sangue e morte

Cidival Morais

Saiba Mais

Curiosidades pelo mundo



■ Dos 195 países do mundo, em apenas 100 (51%) há eleições regulares;

■ Estudo realizado pelo Instituto Internacional para a Democracia e Assistência Eleitoral – cuja sigla em inglês é Idea –, há cerca de 100 países com características democráticas. O voto é obrigatório

em 38 países, mas em apenas em 17 há punição para quem deixar de exercê-lo;

■ Os romanos inventaram a urna eleitoral, em 139 a.C.;

■ Nos primórdios, antes da invenção da urna eletrônica, o voto era proferido publicamente, no gri-

to, o que tornava a condução do processo eleitoral extremamente complicado e violento, com registro de mortes, traições e inimizades;

■ Em 64 a.C., em meio à eleição de Marco Túlio Cícero para o cargo de cônsul, posto máximo da República Romana, foi inaugurado

o primeiro Manual do Candidato às Eleições. Uma das recomendações do manual era de que o candidato deveria firmar amizades com os nomes ilustres;

■ A primeira conquista de voto das mulheres no mundo ocorreu no final do século 19, na Nova Zelândia e na Áustria.

DISPUTA PELA PREFERÊNCIA

Eleição é uma espécie de “licitação”

Diferença está no fato de que, no pleito, deve ser escolhido o mais competente, e não quem tem o melhor preço

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

É ano de eleição. Enquanto os pré-candidatos se encaixam em novas legendas e se preparam para disputar o voto da população, os eleitores aguardam a hora de participar da escolha dos responsáveis pelo futuro de todos. É o momento de definir os rumos do país.

O pleito tem como principal objetivo escolher quem vai representar o povo nos próximos quatro anos, pelo menos, e se processa com o voto do próprio povo – o sufrágio universal. Em outras situações da história, seria apenas de uma parcela desse povo, ou seja, grupos restritos de pessoas que preencham certos requisitos econômicos, sociais e culturais – o sufrágio restrito.

“A eleição assemelha-se a uma licitação, com a diferença de que, na eleição, deve ser escolhido o mais competente e não quem tem o melhor preço”, declara o especialista em Direito Eleitoral Renato César Carneiro, do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB). Os eleitos, segundo ele, têm a função de elaborar as leis – Poder Legislativo –, ou administrar a ‘polis’ – o país, o estado ou o município. Assim, conforme observa, a responsabilidade dos eleitos é imensa e deve ser levada a sério.

“As decisões a serem tomadas e as leis a serem aprovadas se refletem no cotidiano de todos nós. Inflação, qualidade de vida, educação, segurança, saúde, corrupção na administração etc., em suma, são reflexos das decisões adotadas pelos nossos legisladores e governantes”, acrescenta.

Tião Santos, presidente da Central Única dos Trabalhadores na Paraíba (CUT-PB), concorda que as eleições são fundamentais para a escolha dos candidatos que vão governar o país. Porém, avalia que a maioria dos votos vai para pessoas e não projetos, o que fragiliza a democracia. Na opinião dele, partidos, grupos de poder, agentes políticos, instituições enxergam as eleições como o momento de colocar pessoas estratégicas em espaços de poder para representar seus projetos e interesses.

É por isso que as eleições podem ter consequências boas e ruins. “Como a sociedade é plural e os interesses dos grupos organizados muitas vezes são antagônicos, a depender de quem se eleja, podemos ter avanços sociais ou retrocessos”, constata. Quem vota, segundo ele, deve eleger seus representantes para que eles defendam os interesses da população, de preferência aqueles construídos coletivamente.

Tião Santos lembrou, inclusive, que o direito do povo ao voto foi uma grande conquista quando as eleições passaram a ser diretas, em 1989. “Foi um momento histórico para o país. Essa transição representou o início de restabelecimento da nossa democracia, depois de um longo tempo de ditadura”, afirma.

Ainda assim, no Brasil, a democracia representativa permanece limitada, conforme o historiador Jonas Duarte. “Dessa forma, temos nossas representações filtradas por diversos fatores que desvirtuam o sentido maior das eleições”, comenta, citando como exemplo o fato de a maioria da população ser trabalhadora, parda, negra, de baixa renda e, ao contrário, sobretudo nos poderes legislativos federais, a maioria dos parlamentares é de outras camadas sociais.

Ele analisa que, no Brasil, há um evidente “divórcio” entre a realidade socioeconômica nacional e sua representação política, inclusive, eleita por essa população. Ainda assim, o país tem uma forte tradição em eleições diretas, livres e universais como base estrutural de sua democracia.



Foto: Arquivo Pessoal



As decisões a serem tomadas e as leis a serem aprovadas se refletem no cotidiano de todos nós. Inflação, qualidade de vida, educação, segurança, saúde, corrupção na administração etc. (...) são reflexos das decisões adotadas pelos nossos legisladores e governantes

Renato César

Foto: Divulgação



Como a sociedade é plural e os interesses dos grupos organizados muitas vezes são antagônicos, a depender de quem se eleja, podemos ter avanços sociais ou retrocessos

Tião Santos



Imagem: Pixabay

O sentido da democracia: a participação

“Só se aprende o sentido profundo da democracia participando dela, votando e sendo votado”, avalia Maurício Sardá, doutor em Sociologia Política e professor do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho, Políticas Públicas e Desenvolvimento (Labor), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

E isso, segundo ele, não se restringe a eleger representantes temporários no Legislativo e no Executivo. A democracia deve estar presente no dia a dia, no local de trabalho, no bairro, na igreja, nos meios de comunicação, nos sindicatos, partidos. Ele diz que o exercício regular da democracia, com eleições livres, pode possibilitar à população um processo de aprendizagem que permite identificar os projetos que se apresentam ao pleito e escolher os que melhor representem as concepções de mundo e de vida.

Sardá observa que, embora os partidos sejam criticados, são eles que possuem a tarefa de formular um projeto de sociedade e o apresentar no processo eleitoral, investindo o pleito de um caráter educativo.

“O problema, a meu ver, não é a democracia estar assentada em partidos, mas a falta de partidos que tenham efetivamente um projeto de sociedade para apresentar”, constata.

Na opinião dele, talvez existam dois ou três capazes de formular e implementar um projeto de sociedade com base social popular, que participa da formulação e defende esse projeto, procurando torná-lo nacional. “A maioria, infelizmente, são agrupamentos de interesses particulares, que organizam as elites regionais, econômicas, ou, mais recentemente, que procuram transformar comunidades religiosas em um projeto de poder, corrompendo a ideia de democracia”.

Desde a redemocratização, o Brasil conseguiu realizar sete processos eleitorais para o Executivo federal, elegendo Fernando Collor de Melo, Fernando Henrique Cardoso, Lula e Dilma, sendo os três últimos reeleitos. Ali, segundo ele, a democracia no Brasil vinha se fortalecendo, amadurecendo, com processos eleitorais que garantiam o amplo debate de ideias, dos projetos em disputa.

A democracia política significou avanços no tratamento da questão social brasileira, da dívida histórica do Estado com as populações negras, indígenas, reconhecendo direito das mulheres, por exemplo. Uma democracia social, inclusive vinha sendo percebida com o avanço das políticas públicas. “De todo modo, temos este ano para provar que conseguiremos superar esse momento autoritário, este ensaio de usurpação pelas armas do poder político, de rompermos de vez com a tradição autoritária ainda arraigada, do conservadorismo anacrônico que vemos hoje no plano federal”, pontua.

Na opinião de Sardá, as eleições devem resultar em consequências positivas para a sociedade, fortalecendo o sentimento de pertencer a uma comunidade política de identidade nacional que permita ao cidadão se apropriar do processo democrático. As experiências de orçamento participativo, segundo ele, devem ser aprofundadas, ampliando a participação da população sobre a destinação dos recursos públicos.

O papel dos eleitores e dos eleitos

Os eleitos têm responsabilidade sobre seus mandatos. Além do compromisso moral, há na legislação mecanismos para que os eleitores cobrem o cumprimento do papel de cada um. É o que afirma o historiador Jonas Duarte. “A eleição é muito importante, mas o fundamental é ter a sociedade civil organizada e com capacidade de pressão sobre o governo”, frisa.

O processo eleitoral brasileiro ainda tem grandes limitações no desenvolvimento da democracia. Há um peso abusivo e absurdo do poder econômico, do poder familiar-oligárquico, distorcendo o processo realmente democrático. A rigor, de acordo com ele, há uma tremenda desigualdade na disputa, causada pelas desigualdades econômicas e sociais. Por outro lado, os interesses oligárquico-empresariais controlam municípios, meios de comunicação, partidos políticos e diversas estruturas que influenciam decisivamente nas eleições.

“Há um forte movimento no Brasil de enfraquecer a política, de negar a política e, dessa forma, fortalecer um viés autoritário, antipolítico, que flerta com o fascismo”, diz. Partidos e instituições políticas

atuam como propriedades dos grupos econômicos e familiar-oligárquicos. “Esse poder econômico desproporcional juntamente com a manutenção de oligarquias familiares, arraigadas a uma estrutura de poder autoritária, oligárquica, deforma as eleições e, de resto, nossa representação política, caracterizando nossa democracia como uma democracia dos ricos e para os ricos”, acrescenta.

Maurício Sardá diz que os eleitores, de onde formalmente emana todo o poder em um regime democrático, têm o papel de escolher e controlar os eleitos. Ele lamenta que ainda não exista um dispositivo constitucional que garanta aos eleitores a revogação dos mandatos por má-fé dos representantes.

“Talvez esse seja um próximo passo para ser discutido no avanço da democracia no Brasil. Mas isso não basta, pois o mais importante é garantirmos uma nação menos desigual em termos de acesso à educação, saúde, emprego, terra”. A democracia, no olhar de Sardá, deve levar à igualdade, à garantia de uma vida digna ao povo, com um estado de bem-estar social que proteja os mais vulneráveis.

Foto: Arquivo Pessoal



Há um forte movimento no Brasil de enfraquecer a política, de negar a política e, dessa forma, fortalecer um viés autoritário, antipolítico, que flerta com o fascismo

Jonas Duarte



Cidadãos na escolha de seus representantes

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Em 1989, as eleições passaram a ser diretas. Foi um momento histórico para o Brasil quando, enfim, os cidadãos puderam participar da escolha de seus representantes. A diferença fundamental entre as eleições diretas e indiretas é que as diretas remetem ao princípio fundamental de uma ordem democrática que é a soberania popular. Apenas o povo pode decidir quais são os caminhos a serem levados pelo seu representante.

Se a eleição é indireta, conforme observa o cientista político José Artigas de Godoy, não há expressão da soberania popular ou não há consolidado institucionalmente o fundamento primário do processo democrático, porque não há democracia sem soberania popular. Ele explica que a democracia não se confunde com a soberania de poucos, seja dos parlamentares ou de uma monarquia de aristocratas, tampouco de um só, no caso de ditaduras unipessoais, autoritárias.

Então, ele analisa que quando um único indivíduo, o governante, o líder, o rei decide em nome de todo o povo, não há qualquer princípio democrático. Quando alguns membros da sociedade, sejam aristocratas, no caso de uma monarquia, sejam deputados e senadores, parlamentares, no caso de uma República, se apenas parlamentares escolhem os governantes, isso também não representa o governo democrático.

Artigas lembra que, desde a Grécia Clássica, existe uma tipologia das formas de governo que distingue duas características para qualificar três formas possíveis de governos. O monárquico seria o

bom governo de um só, aquele que visa o interesse coletivo; o tirano é o mau governo de um só, ou seja, não governa para o povo, mas para os seus próprios interesses. A mesma classificação pode ser atribuída ao governo de poucos, seja ele um governo que se volta para o interesse coletivo, um governo aristocrático, ou um governo que se volta para os interesses dos próprios governantes, ou seja, um governo oligárquico.

No que tange ao governo do povo, a democracia, há a soberania popular. “Então, não temos nem um governo de um só e nem um governo de poucos, mas um governo do povo”. Ele emenda que a expressão da soberania popular não pode ser confundida com um sistema de escolha de governante indireto, porque isso subverte o pressuposto fundamental da ordem democrática, que é a soberania popular.

O estado democrático de direito só se reinstaura no Brasil a partir da promulgação da Constituição de 1988. Antes disso, no governo Sarney, por exemplo, o regime era autoritário e não democrático. José Artigas ressalta que José Sarney não foi eleito pelo povo e nem pelo colégio eleitoral, mas sim a partir de uma manobra jurídica, permitindo a posse autoritária de José Sarney que exerceu um governo autoritário, não ditatorial.

“Não devemos confundir autoritarismo com ditadura, que vai até 1985. Daí até 1990, tivemos um governo autoritário”. O Brasil só teve um governo democrático a partir das eleições de 1989, com a posse efetiva de Fernando Collor de Mello, a partir de 1990, que se elegeu num regime de sufrágio universal amplo e também um regime democrático.



Não devemos confundir autoritarismo com ditadura, que vai até 1985. Daí até 1990, tivemos um governo autoritário

José Artigas

A deturpação dos resultados

Até as últimas eleições, desde a redemocratização, o sistema eleitoral favorecia uma forte deturpação dos resultados de composição dos parlamentos em relação às escolhas dos eleitores, de acordo com o cientista político José Artigas de Godoy. E por que isso acontecia? Até 2020, o sistema eleitoral prescrevia a possibilidade de partidos se coligarem nas eleições proporcionais para vereadores, deputados estaduais e federais. Isso fazia com que partidos de espectros ideológicos muito distintos se unissem por interesses meramente eleitorais. Ele afirmou que o eleitor desconhece, em geral, os mecanismos de definição de composição das cadeiras parlamentares.

“São difíceis de compreender. Por exemplo, na penúltima eleição para vereador, para definir a composição de cada cadeira da Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP), por exemplo, era preciso fazer ‘184 operações matemáticas’. Isso é impossível que qualquer indivíduo faça de cabeça. O que isso acabava gerando? O cidadão votava no partido A e

acabava elegendo o representante do partido B”, constata.

Os partidos não necessariamente estavam colocados no mesmo espectro ideológico. “É como se o eleitor quisesse votar no Maluf e elege-se o Lula. Isso representa uma negação do princípio da vontade do eleitor”, exemplifica. Em 2014, conforme Artigas, dos 513 deputados federais do país, apenas 36 haviam sido eleitos por seus próprios votos. Todos os outros foram eleitos com o mecanismo de redistribuição de sobras dos partidos e coligações. Não foram os eleitores que os escolheram.

Após a eleição com coligações proporcionais, ocorria uma quebra na relação da representação. “Quando o eleitor olhava o candidato eleito, ele não se reconhecia naquele candidato e, muitas vezes, o eleito tinha posições contrárias, opostas mesmo àquelas escolhidas pelo eleitor”. Isso, conforme analisa José Artigas, acabava – e continua acontecendo – produzindo uma crise de representação. “Agora, com o fim das coligações proporcionais, sugere-se que essa contradição entre a vontade do eleitor e

a efetiva composição das cadeiras parlamentares diminua”, prevê.

A nova legislação permite a composição com federações partidárias e, para o estudioso, isso nada mais é do que um arremedo da coligação proporcional. Há ainda a persistência de partidos coligados na forma de federações e o eleitor, novamente, vai acabar depositando votos na urna para um candidato e o voto será utilizado para eleger outros candidatos que não foram os escolhidos por ele e, muitas vezes, nem dos mesmos partidos.

“O problema não é eu escolher um candidato e outro ser eleito com o meu voto. O problema é o outro ser eleito com meu voto sendo de outro partido, com outra visão ideológica e programática. E isso cria uma contradição na representação”, considera. Para Artigas, a única maneira de superar definitivamente essa falha na representação que favorece os deputados que já estão no parlamento, mas prejudicam a soberania popular, seria o voto em lista fechada, o voto partidário, que não está no horizonte para as próximas eleições.

Falta interesse em reforma política

Tramitam no Congresso Nacional diversos projetos de lei que versam sobre essa temática que faz com que o povo eleja candidatos nos quais não votou. Porém, conforme o cientista político José Artigas de Godoy, os deputados não têm interesse em aprovar uma reforma política desse gênero, porque os que já possuem mandato

seriam, em parte, prejudicados na intenção de suas reeleições.

Como no Brasil o voto é particularista, personalista e proporcional, ele constata que as instituições partidárias têm uma participação relativamente pequena no processo de escolha dos candidatos eleitos, de forma que esses eleitos não têm respon-

sabilidade sobre a execução de um programa partidário pré-estabelecido. “E aí abre-se caminho para toda sorte de oportunismo, de interesse particularista e de fisiologia”.

José Artigas acrescenta que a maior parte dos partidos brasileiros é de partidos fisiológicos, que não dispõem de programas, nem de ideologias e, ademais, nos par-

lamentos e no governo, de acordo com interesses particularistas, oligárquicos ou localistas, mas diferentemente do que se prescreveria numa democracia sólida. “Por isso, a democracia brasileira jamais foi uma democracia consolidada. Hoje até podemos questionar se é um país efetivamente democrático”.